

# Revista de Espiritismo

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Paleotécnica  
Metapsíquica  
Esoterismo  
Ética

Maio - Junho  
ANO III - 1929



ARRIBAÇÃO DUMA RELIGIOSA nas  
ciências metapsíquicas de M.<sup>me</sup> Fron-  
doni Lacombe.

3

**ÍNDICE** — Ensaio sobre a natureza e estrutura da matéria (INTRODUÇÃO  
à MECÂNICA TRANSCENDENTAL) — ANTÓNIO L. VILELA; **Espiritismo**  
— DR. A. D. PRATAS; **Exegese filosófico-metafísica do Espiritismo** — D. QUIN-  
TEZ; **Um caso de bilocação consciente; A Autoridade** — DR.<sup>a</sup> AMÉLIA CARDIA; **O Es-  
pírito e a Arte: Médiuns pintores, III** — PEDRO CARDIA; **Concurso de Clarividên-  
cia**; **Crónica Estrangeira** — PEDRO CARDIA; **Vozes do Além** (COMUNICAÇÕES A

# Revista de Espiritismo

*Metapsíquica - Esoterismo*

*Hipnomagnetismo - Ética*

**ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA**

Editor: — *José Pereira Serra*

Administradores: { *António Castanheira de Moura*  
*Policarpo Salvador de Almeida*

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. António J. Freire — António L. Vilela.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.<sup>ra</sup> Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Quintín López Gomez — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Pedro Carreira Dias de Sousa — A. A. de Freitas e Silva — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

## ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... ( > )	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

**As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente**

## DEPOSITARIOS

**LISBOA** — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — Praça dos Restauradores, 17

**PORTO** — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

**COIMBRA** — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.<sup>DA</sup> — Rua Ferreira Borges

**ESPAÑA** — Agente geral: DON JUAN TORRAS SERRA — Avenida 11 de Novembro, 81 — Sabadell — Barcelona

**BRASIL** — Agente geral: JOSÉ TOMAZ DE LIMA — Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

**FRANÇA** — Agente geral: MANUEL DE COSTA SOARES — Rue des Bernardins, 9 — Paris (V.<sup>o</sup>)

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e imp.  
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

# Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

## Ensaio sôbre a natureza e estrutura da matéria

(Introdução à mecânica transcendental)

A idéa de discontinuidade da matéria devia ter surgido espontaneamente no pensamento humano, ainda quando os seus recursos analíticos eram bastante rudimentares. A simples observação da natureza fornecia ao homem primitivo essa idéa e êle não tinha mais que reproduzi-la. Todavia a idéa de discontinuidade não teve aplicação imediata. Foi germinando e desenvolvendo-se lentamente, à medida que o espírito humano, preocupado em abranger e dominar o Universo, ia dividindo e classificando os fenómenos para melhor fazer incidir sôbre êles a luz da sua análise. Só muito tarde o pensamento consegue resolver a discontinuidade aparente na continuidade real.

E' quando o espírito analítico se encontra já devidamente amadurecido que o homem procura decompôr os corpos nas suas partes constituintes. Na fase elementar da evolução científica, ainda a noção de *elemento* não se diferencia da noção de *parte* e um corpo tem tantos elementos quantas as partes em que pode decompôr-se. Este critério, porém, não é fecundo em resultados práticos, porque podemos levar a divisibilidade dum corpo a um limite inatingível, o que torna impossíveis todas as pesquisas e inúteis os resultados. O problema desloca-se, então, noutro sentido. Desde que os corpos se apresentam com diferentes propriedades, são elas que devem definir os elementos. Todos os corpos passam então a ser considerados como um conjunto de qualidades. Estas qualidades não tinham o valor abstracto que hoje lhes concedemos; eram, sim, os próprios elementos substanciais, concretos, determinados, cuja natureza imprime ao conjunto o seu carácter e cuja agregação e desagregação produz todos os fenómenos. As primeiras propriedades que se descobrem são as propriedades físicas e são elas, portanto, que constituem os elementos primitivos. O sistema das aparências prevalece.

Nos fins do século VII a. J. C., Tales de Mileto compunha uma Cosmologia em que a água era considerada o elemento primordial que havia dado origem, através dos séculos, a todas as coisas. Fundando a Escola Jónica que tão brilhante influência exerceu no pensamento helénico, procurava unificar a variedade resolvendo-a, em última análise, num elemento fundamental que, por modificações sucessivas, a produzia. Os discípulos de Tales, concordando com a interpretação unitária do Universo, divergiam, contudo, na maneira de resolver o problema. Enquanto Anaximandro (teoria do Infinito) e Anaxágoras consideravam um princípio indefinido e indeterminado como elemento primordial, Diógenes de Apolónia e Anaximeno viam no ar êsse elemento, Heraclides na luz, e Heraclito no fogo. O fogo de Heraclito era um princípio subtil — o elemento ígneo — essencialmente activo e vivificante, um fluido imponderável a que mais tarde se chamaria calórico e encerrava

o mistério de todas as transformações, o segrêdo íntimo dos fenómenos. Foi Empedocles quem primeiro formulou a teoria dos 4 elementos — a terra, a água, o ar e o fogo — movidos por duas fôrças antagónicas — o Amor e o Odio — que produzem todos os fenómenos pela sua agregação ou desagregação. Zenão preferiu êste sistema a qualquer dos sistemas unitários dos Jónios.

Apresentava-se-lhes como axioma que a natureza dos efeitos deve de ser semelhante à natureza das causas e assim o mundo físico devia ter por origem os elementos físicos. Como porém estes não bastassem às necessidades superiores do pensamento, por detrás dêles havia um princípio transcendente que determinava e orientava todas as modificações e tinha atributos divinos. Assim nasceu o dualismo fundamental, irreductível, de que o pensamento humano não consegue libertar-se, a menos que renuncie a interpretar os fenómenos. Esses dois princípios seriam a matéria e a energia depois de esta perder o carácter teológico primitivo. Estes sistemas dualistas que se encontram no fundo de todas as religiões e sistemas filosóficos, em breve foram postos de parte nas sciências empíricas, sendo substituídos pelo duplo dualismo de Aristóteles que durante bastantes séculos dominou.

Aristóteles decompunha os corpos em qualidades, considerando como princípios ou elementos aquelas que se lhe apresentavam com um grau de generalidade maior. O *quente*, o *frio*, o *sêco* e o *húmido*, foram as qualidades que lhe pareceram mais gerais e portanto aquelas que tomou como elementares. Combinando estas propriedades duas a duas obteem-se 6 grupos distintos, dois dos quais representam a combinação de elementos antagónicos e devem porisso ser eliminados. Restavam os seguintes grupos:

Frio + Sêco .....	Terra
Frio + Húmido.....	Água
Quente + Sêco .....	Fogo
Quente + Húmido....	Ar

Os elementos de Empedocles eram os tipos de cada um daqueles grupos de propriedades, isto é, respectivamente: *terra*, *água*, *fogo* e *ar*. Foram estes elementos e êste critério que gozaram privilégio durante a Idade Média, no ocidente. Depois da queda do império romano foram os árabes que serviram de depositários da sciência antiga e modificaram os elementos de Aristóteles cujas propriedades não satisfiziam já à sua experiência. Os elementos passaram a ser o *mercúrio*, o *enxôfre*, a *terra* e o *sal*. Estes elementos eram, por assim dizer, símbolos filosóficos, tipos de qualidades, que exprimiam apenas certas propriedades gerais. Assim, o mercúrio exprimia os metais; a terra representava os minerais não metálicos; o sal definia a solubilidade e o enxôfre traduzia a combustibilidade. (Ostwald — *L'Évol. d'une science, la Chimie*).

\* \* \*

Enquanto os Jónios partiam da unidade de origem e de natureza da matéria, proclamando a evolução universal como factor de todas as transformações, os eleatas — Xenofanes Parménides e Zenão — distinguiram as aparências illusórias e efémeras dos fenómenos, do elemento real e permanente, invariável. Assim, negavam a realidade do movimento que arrastava os fenómenos na sua vertigem e o único elemento realmente existente seria acessível apenas ao pensamento. Entanto, ficava eternamente indeterminado e a experiência perdia todo o valor. Os atomistas é que conseguiram exprimir com clareza o conceito de matéria, como fundamento de todos os fenómenos, escolhendo para atributos dela as propriedades mais simples. Foi a escola de Abdera representada por Leucipo e Demócrito que estabeleceu a atomismo

na Grécia. A' falta de indicações sôbre Leucipo que nos elucidem sôbre a sua obra, temos elementos precisos sôbre a filosofia de seu discípulo Demócrito quer pelos fragmentos que chegaram até nós, quer através de Epicuro que reproduziu as suas doutrinas! (1) O atomismo de Demócrito assenta nos seguintes princípios fundamentais:

—Do nada não pode sair coisa alguma. Aquilo que existe não pode ser aniquilado. Toda a modificação resulta apenas duma agregação ou desagregação de partes. Nada se produz sem causa e sem necessidade. (Esta proposição é já atribuída a Leucipo). Os elementos fundamentais da natureza são os átomos e o vazio. Os átomos são em número infinito, idênticos sob o ponto de vista qualitativo, mas diferentes na grandeza e na forma. Eles movem-se no vácuo. O que distingue os corpos é a dimensão e forma dos seus átomos além do seu número e da maneira como estão dispostos. Os átomos que constituem a alma são os mais subtis de todos; perfeitamente esféricos e lisos, assemelham-se aos do fogo, e penetram todo o corpo, dando origem aos fenómenos da vida. (F. A. Lange — *Histoire du matérialisme*).

Assim o atomismo representa uma tentativa brilhante de representação mecânica do Universo, apoiada na eternidade e indestrutibilidade da matéria, na conservação da energia e nos princípios de causalidade e de necessidade. Foi mais ou menos o critério materialista do século passado, antes das descobertas que vão dos raios catódicos, à rádio-actividade, e fundamentam as teorias mais recentes sôbre a natureza e estrutura da matéria.

Os eleatas, negando o valor objectivo dos fenómenos, provocaram o deslocamento do problema do conhecimento, da matéria para a sensação. Os sofistas assentam então sôbre a relatividade do conhecimento os princípios fundamentais da sua dialética. Se a sensação é o fenómeno que se vinca na consciência, sem que saibamos qual a relação existente entre ela e os objectos considerados em si mesmos, não podemos prescrutar a natureza exterior. Assim o mundo interior começa a preocupar a filosofia rasgando os horizontes do humanismo de Sócrates e do idealismo de Platão.

O atomismo de Demócrito, com o seu valor abstracto, estabelece a transição suave entre o objectivismo dos primeiros físicos e o subjectivismo dos sensualistas; êste, por sua vez, abre as portas do idealismo. Admitido que a sensação é o dado immediato da consciência, a natureza dos objectos do mundo exterior torna-se obscura, vaga, indecisa e até mesmo a sua existência duvidosa. Protágoras (2) é o precursor directo de Sócrates, deslocando a base do conhecimento, do mundo exterior para a intelligência do homem. Heraclito procurava a verdade no universal enquanto Protágoras a procura no individual. A sensação é o seu ponto de partida e o seu valor é portanto indiscutível. Entre a percepção e a coisa *em si* existe um relativismo complexo e porisso a matéria é essencialmente indeterminada. Dela só sabemos o que parece ser, mas não o que é. Protágoras procura dentro de si, na sua própria consciência, o fulcro da certeza: — «o homem é a medida de tudo».

(1) Depois de longas viagens em que gastou tôda a herança de seus pais, possuindo uma sólida cultura, regressou à sua cidade natal, onde foi socorrido por um irmão, até que conseguiu condições de vida independentes. A tradição apresenta-o como discípulo dos magos da Pérsia, mas o certo é que as suas predições meteorológicas produziram grande sucesso na Grécia, a ponto de ser considerado inspirado pelos deuses. Escreveu uma obra notável, o *Diakosmos*. «De todos os meus contemporâneos, diz Demócrito, sou eu que tenho percorrido maior parte da terra, visitado regiões mais distantes, visto mais climas e países, ouvido mais pensadores e ninguém me excedeu nas construções e demonstrações geométricas, nem mesmo os géometras do Egito, junto dos quais, estrangeiro, eu vivi cinco anos completos».

(2) Zeller considera a filosofia de Protágoras, derivada da filosofia de Heraclito, mas Lange considera-a antes relacionada com a de Demócrito, alegando que aquela filiação não explica a tendência subjectiva de Protágoras na teoria do conhecimento.

Entre os materialistas e os sensualistas há a distinção correspondente às diferenças entre a substância e a forma. Aristóteles estabelece a distinção entre uma e outra, fazendo delas os atributos fundamentais dos corpos, e procura continuar o sistema filosófico de Demócrito conciliando-o, até certo ponto, com as idéas sôbre o valor subjectivo do conhecimento, reveladas pelo sensualismo dos sofistas.

A sofística com Protágoras e Gorgias, que consideravam todas as teses antagônicas igualmente defensáveis, tinha marcado o início da decadência intelectual e moral, proclamando a vã pesquisa da verdade e abrindo caminho à teoria do prazer (móvel das acções) desenvolvida por Aristipo e adoptada pela Escola Cirenaica que florescia ao norte de Africa. As conseqüências foram verdadeiramente desastrosas determinando o scepticismo da escola de Pirron e a crise de imoralidade e dissolução a que Sócrates opôs a sua escola. Mais tarde o scepticismo atenuado sob a forma de probabilismo filosófico é erguido por Arcesilau e Carneades como critério de verdade, na escola de Pitânia, nas regiões da Eólide.

Sócrates ao contrário dos materialistas partia do estudo do homem para o conhecimento do mundo. Ele não consegue determinar a natureza íntima dos fenómenos, o segrêdo profundo das coisas, mas admite a existência de causas finais que condicionam a vida. O seu método é um racionalismo crítico fulgurante que ilumina as trevas do scepticismo. O relativismo tinha oposto a sensação à matéria e agora o racionalismo opõe a idéa à sensação. Platão deu corpo à doutrina de Sócrates e sublimou-a através do seu espírito. Foi um filósofo que nasceu poeta; um artista que soube dominar a fantasia com o racionalismo luminoso do seu génio criador. A órbita do seu pensamento fica tôda acima do horizonte. Porisso as suas palavras tomam cambiantes desconhecidos, seduções estranhas, encantos maravilhosos, e o seu racionalismo atinge a máxima abstracção no mundo transcendente das idéas puras. A corrente dos fenómenos arrasta o pensamento num movimento perpétuo. As idéas têm um valor absoluto, invariável. O idealismo é portanto superior ao empirismo porque se apoia em alguma coisa de estável. A matéria é uma representação confusa do mundo das idéas no espírito dos homens. Tôda a sciência se apoia na abstracção e na generalização. Platão foi o primeiro que estabeleceu a distinção entre generalidade e individualidade, como diz Aristóteles. E' porém êste que estabelece a diferença entre os sentidos e a razão. Enquanto os sentidos traduzem o mundo dos fenómenos, a razão pura penetra no mundo nomenal, que exprime a mais alta forma do conhecimento. Seria o conhecimento directo da realidade sem que ela fôsse deformada pela sensação.

Depois da morte de Platão, o atomismo de Demócrito ressurgiu com Epicuro. Este não admite, contudo, que os átomos tenham uma infinidade de formas. De resto, a física de Epicuro identifica-se quasi inteiramente com a de Demócrito. A divisibilidade da matéria não pode ser levada ao infinito porque a quantidade dos átomos dum corpo limitado há de ser, necessariamente, limitada também. Porisso mesmo a variabilidade dos átomos não pode ser infinita. O epicurismo funde em si o sensualismo e o empirismo. A percepção sensível é sempre verdadeira em si e serve de base ao conhecimento. O erro provém da relação que existe entre o objecto e a sua percepção. A atomística é uma teoria das coisas *em si* consideradas como base dos fenómenos. Aristipo foi um precursor de Epicuro. As propriedades dos átomos são a indivisibilidade, o pêsso e a rigidez. Demócrito fazia mover os átomos no vazio com velocidades diferentes conforme as suas dimensões, mas Epicuro, attribuindo as diferenças de velocidade à resistência do meio, admitia, consequentemente, que a queda no vazio era uniforme. Aristóteles nega a existência

do vazio e supõe que, se êle existisse, os corpos não se podiam mover nele. Epicuro, pelo contrário, afirma que, no vazio, os corpos se devem mover com maior velocidade, visto que não havia a considerar a resistência do meio. O movimento eterno dos átomos é uma queda uniforme através do vazio infinito. Aristóteles negando a realidade do espaço vazio, estabelece o princípio de continuidade da matéria.

Os estóicos ocupam em relação aos epicuristas a mesma posição que Sócrates ocupou relativamente aos sofistas, opondo um dique à decadência. Para os estóicos tudo o que existe é corporal e porisso Deus identifica-se com o mundo na existência embora difira dêle na essência. Na sua concepção panteísta, Deus é a «razão ígnea do mundo» e existe em tôda a parte. Assim nasce um optimismo fecundo, uma esperança ilimitada.

Quando Atenas estava no declínio, a cidade de Alexandria tornou-se o centro da cultura helénica. As suas bibliotecas e escolas e o impulso dado pelos Ptolomeus às sciências e às artes, fizeram dela o maior centro intelectual do mundo. O platonismo e o pitagorismo renascerem ali triunfantes. Entanto, Roma começa a dominar o mundo e vai beber à civilização grega a seiva que há de alimentar o seu espírito. A partir dos meados do século II antes da nossa era a Grécia passa a ser uma província romana, mas as manifestações do seu espírito impõem aos vencedores o seu prestígio invencível.

A moral austera do epicurismo primitivo tinha degenerado no mais grosseiro sensualismo. Lucrécio, retomando as doutrinas de Epicuro, compõe o seu poema didático «*De natura rerum*». Lucrécio admite que a matéria não ocupa todo o espaço, mas que os átomos se movem no vazio, pois, se todo o espaço fôsse ocupado, êles não poderiam mover-se independentemente do conjunto. Assim os átomos e o vazio são os elementos essenciais de todos os corpos. Mas enquanto o espaço tem existência em si, já o mesmo não pensa Lucrécio sôbre o tempo. Para êle, como para Epicuro, os átomos movem-se todos segundo direcções paralelas e com igual velocidade, o que faz que estejam em repouso, uns relativamente aos outros. As formas que os átomos apresentam são muito variadas e dependem da sua natureza. O que faz que os átomos se combinem para formar os corpos é um elemento activo e dinâmico que dá aos átomos uma certa independência das leis mecânicas e lhes permite desviar a direcção dos seus movimentos. Em vez duma contingência mecânica irreductível a condicionar os fenómenos, Lucrécio concedia assim aos átomos uma liberdade rudimentar. A alma (anima) é distinta do espírito (animus). O espírito é a parte íntima e subtil da alma, cujos átomos têm um carácter especial: — são mais esféricos, mais pequenos e movem-se com maior velocidade. A alma é constituída por 3 categorias de átomos subtis — de ar, de vapor e de calor — que são aqueles cuja conformação e movimento mais se aproximam dos átomos que formam o espírito.

Depois, quando o cristianismo triunfa e com o império Romano abraça o mundo ocidental, a fé ignorante dos primeiros cristãos, fanatizados por um clero depravado e ambicioso, obscurece o pensamento. Os árabes prestaram então ao ocidente um alto serviço civilizador, e, como a Igreja romana se obstinava em manter o mundo em trevas, foram perseguidos com o seu ódio cruento, insaciável de vítimas.

O século VIII viu os árabes invadirem a península ibérica e conquistarem-na quási tôda, disseminando por tôda a parte a sua sciência e as suas artes, dando notáveis exemplos de tolerância aos cristãos. As suas Universidades tornaram-se célebres e Bagdad, Bassorah, Córdova, Granada, Sevilha e Múrcia foram brilhantes centros intellectuais, onde acorriam de tôda a parte da Europa, homens ávidos de saber. Os árabes ortodoxos recorreram ao atomismo para tornarem mais inteligível a criação transcendente por um

Deus. Este Deus identificava-se com o mundo, segundo Averroès; e estava fora do mundo e agia sobre êle, segundo Avicenna. (Renan — *Averroès et l'averroïsme*). "

\* \* \*

A alquimia era a química dos antigos que os egípcios cultivaram e desenvolveram e onde as civilizações posteriores a foram beber, assim como a maior parte das ciências. Ali, tinha um carácter reservado e secreto, sendo conhecida apenas dos sacerdotes e dos iniciados que penetravam nos mistérios da sabedoria, no silêncio profundo dos santuários. Os gregos desvendaram alguns dos seus segredos, mas os verdadeiros depositários da ciência misterial foram os neoplatónicos e gnósticos dos séculos II e III que começaram a divulgá-la. Este trabalho de expansão intelectual foi prejudicado grandemente pelas invasões dos Bárbaros que extinguiram na Europa os últimos reflexos da civilização grega. Foi então que coube aos árabes o papel de depositários da sabedoria antiga. A introdução na Europa dos tratados de ciência dos árabes, contribuiu poderosamente para o desenvolvimento da alquimia no ocidente.

A alquimia era uma química filosófica, transcendente, que procurava o segrêdo íntimo dos fenómenos quer no campo físico-químico, quer no domínio biológico. Assentava sobre três princípios fundamentais: a unidade da matéria, a unidade da energia e a unidade da vida. A preocupação dominante dos alquimistas era portanto a descoberta do princípio elementar que pudesse produzir todas as variedades de matéria. O processo de transformação da matéria era a *transmutação*, e o elemento fundamental seria a *pedra filosofal*. Semelhantemente, admitida a unidade de energia, a transmutação energética seria uma transfusão de vida e a *panacea* universal ter-se-ia realizado. Mais ainda: desde que os seres superiores provinham da lenta evolução de seres rudimentares, acelerando a evolução por processos análogos aos da transmutação da matéria, poder-se-ia, no laboratório, obter as formas mais elevadas da vida, operando sobre o elemento primordial uma acção energética conveniente. Era o caso do *homunculos* de Paracelso. A transmutação dos metais e a preparação artificial do ouro, hoje perfeitamente demonstrada pelos alquimistas modernos (William Ramsay conseguiu transmutar, em carbono, o silício, o titânio, o chumbo, etc.), era apenas uma aplicação prática com carácter restrito e particular.

As numerosas experiências realizadas para a pesquisa da pedra filosofal contribuíram poderosamente para o desenvolvimento da análise qualitativa permitindo agrupar os corpos segundo as suas semelhanças ou modos de produção. (1) O conceito de elementos tinha perdido, com os químicos árabes e os alquimistas da Idade Média, o seu carácter abstracto de qualidades ou propriedades para tomar uma forma concreta, material. A experiência tinha mostrado que êsse conceito não podia ser confundido com a noção de qualidade porque era necessário tomar em conta um factor quantitativo.

Jungius e mais tarde Robert Boyle (*Chymista scepticus*) puseram em evidência esta nova orientação. Enquanto os processos de análise resolviam os compostos nos seus elementos constituintes, estes, por sua vez, deviam reproduzir o composto de que se tinha partido. Assim começaram a desen-

(1) Também contribuiu para a descoberta de algumas substâncias simples, como por exemplo a do fósforo feita em 1669 pelo alquimista Brand, quando destilava o residuo da evaporação duma urina. O hidrogénio já no século XVI havia sido descoberto por Paracelso, mas depois foi confundido com outros gases até que Cavendish (1766) o definiu de novo. Aos alquimistas se deve também a introdução da balança nos laboratórios e o emprêgo de medidas ponderais a que Lavoisier deu depois um impulso formidável.

volver-se os processos de síntese e à série das pesquisas qualitativas veio juntar-se a das pesquisas quantitativas.

Os elementos físicos de Empedocles não podem mais ser considerados como tal. A análise química tinha mostrado que a água era um composto de duas substâncias gasosas nas condições normais de temperatura e pressão: o oxigénio e o hidrogénio. Também se reconheceu que o ar era uma mistura de vários gases como o oxigénio, o azote, o anidrido carbónico e os gases nobres (argo, cripto, neo, xeno e hélio). A terra, a água e o ar exprimiriam apenas os três estados físicos da matéria. O fogo corresponderia às diferentes manifestações de energia ou estados vibratórios do éter. Este 4.º princípio dos antigos desdobrou-se em 4 categorias de elementos subteis, imponderáveis — os fluidos — que explicavam o mecanismo interno dos fenómenos, determinando todas as formas de energia. Os quatro tipos de fluidos eram: o calórico, o fluido luminoso, os fluidos eléctricos e magnéticos. A interpretação dos fenómenos eléctricos e magnéticos determinou a necessidade de se considerarem duas espécies de cada um daqueles fluidos: positivos e negativos.

Segundo a hipótese dos dois fluidos eléctricos emitida por Symmer (1759) as partículas do mesmo fluido repeliam-se e as de fluidos diferentes atraíam-se. Os corpos em que êsses fluidos não se revelavam, nem porisso deixavam de os conter, mas existiam ali num estado neutro em virtude de se equilibrarem as quantidades dos fluidos opostos. Os dois agentes magnéticos eram, como os eléctricos, fluidos imateriais imponderáveis e gozavam da mesma propriedade, mas esta hipótese foi substituída depois pela de Ampère. O calórico era constituído por partículas muito pequenas, corpúsculos imponderáveis que determinavam o estado de temperatura. O fluido luminoso era semelhante ao calórico e as suas partículas andavam quasi sempre associadas às dêle visto que os fenómenos caloríficos e luminosos andam também quasi sempre associados. A *teoria das emissões*, preconizada por Newton, consistia em supor que os fenómenos caloríficos e luminosos resultavam da emissão de partículas dêsses fluidos. Esta teoria foi posta de parte depois dos trabalhos de Young e Fresnel sendo substituída pela *teoria das ondulações*, admitida a existência dum meio hipotético, perfeitamente elástico e homogéneo — o éter.

O médico francês Jean Rey (1630) tinha observado que um pedaço de metal quando enferruja aumenta de pêsô, deduzindo, muito naturalmente, que o ar intervinha na transformação operada. As observações feitas por Boyle Mayow e Hooke levaram à mesma conclusão. O fenómeno do enferrujamento assim como o da combustão foram porém explicados por meio duma teoria imaginada por Becher e desenvolvida por Stahl. Essa teoria admitia a existência dum elemento — o *flogisto* — que se libertava pela combustão e provocava a diferença de propriedades que se observa nos resíduos. Assim, explicava-se bem o fenómeno da redução, mas a oxidação não podia explicar-se visto que o enferrujamento determinava aumento de pêsô. Não desejando sacrificar a teoria a êste facto, modificaram-na adaptando-a a êle. Estabeleceu-se então que o flogisto possuía uma propriedade oposta à gravidade — a levitação, e portanto, quando se libertava, fazia que o resíduo aumentasse de pêsô.

Esta hipótese que hoje nos parece inverosímil foi aceite quasi geralmente antes da descoberta de Lavoisier (1774), isto é, durante mais dum século. Só depois da descoberta do oxigénio por Priestley (1772), Lavoisier conseguiu explicar o enferrujamento pela combinação do metal com o oxigénio e o fenómeno de redução pela perda do oxigénio, descobrindo mesmo o papel dêste gás na respiração.

Postos de parte os elementos físicos dos Jónios a hipótese que melhor podia traduzir os fenómenos era a atomística. Bayle que era partidário desta doutrina sentiu porém como ela era deficiente para explicar como os sais perdem as propriedades características dos ácidos e das bases, quando os átomos devem manter-se inalteráveis nas suas combinações. Só muito mais tarde estas anomalias foram explicadas, atribuindo-as à disposição que os átomos tomam no composto. Com o desenvolvimento prodigioso que o experimentalismo químico tomou a partir de Lavoisier, tornou-se necessário sistematizar os conhecimentos obtidos e formular as leis que presidiam aos fenómenos. A noção de elemento estabelecida por aquele ilustre químico é ainda a que domina a química contemporânea embora alguns elementos perdessem o seu carácter. Lavoisier estabeleceu que os elementos eram as substâncias que não se podiam decompor quimicamente. Implicitamente êle indicava o processo de se obterem os elementos identificando-os com as substâncias simples: quando uma substância em todas as combinações em que intervinha aumentava de pêsso, era um elemento.

A par dêstes elementos ponderais, Lavoisier admitia ainda a existência de dois princípios imponderáveis qualitativos: o calor e a luz. Estes dois princípios imponderáveis estabeleceram posteriormente a noção de energia quando a experiência conseguiu unificá-los, como de resto sucedeu para os elementos ponderais relacionados no conceito geral de unidade da matéria.

\* \* \*

Estabelecida a lei de Lavoisier sôbre a *conservação da matéria* tornava-se necessário saber se além de um dado composto ser constituído sempre pelos mesmos elementos, estes se combinavam em proporções fixas perfeitamente determinadas. Enquanto Berthollet levado por considerações teóricas afirmava que essas proporções eram variáveis e indeterminadas, Proust apoiado na experiência enunciou a *lei das proporções definidas* (1806). As experiências de Proust mostraram mesmo que em certos casos havia variação nas proporções, mas que nesses casos não se tratava de *combinações* químicas mas sim de *misturas*. Foram os trabalhos de Stas que entre 1860 e 1865 confirmaram e estabeleceram definitivamente a lei de Proust.

As pesquisas quantitativas tinham permitido a Richter a descoberta dos pesos equivalentes ou pesos de combinação partindo dos fenómenos de dupla decomposição, nos sais neutros. Pesando as quantidades dos elementos que se substituem nos compostos, êle estabeleceu a sua equivalência química. Realmente se o produto da mistura de duas soluções salinas neutras se conserva neutro é porque a troca das suas bases saturou completamente os radicais ácidos e os seus pesos equivalem-se, portanto. Só mais tarde esta descoberta foi generalizada para todas as combinações.

A-pesar-da alta importância da descoberta de Richter ela só no princípio do século XIX começa a ser devidamente apreciada graças aos trabalhos de Berzélius. Na época em que Richter formulou a lei dos pesos de combinação Dalton tinha restabelecido a hipótese atômica<sup>(1)</sup>. Considerando que uma espécie química era definida pelas suas propriedades e estas se mantinham qualquer que fôsse o modo de produção, Dalton concluiu que *os átomos duma mesma substância seriam perfeitamente iguais*. O estudo das combinações levou a supor que os átomos dos elementos eram simples enquanto os átomos dos compostos são constituídos pelos átomos das substâncias simples

(1) Segundo a teoria atômica de Dalton o átomo era homogêneo, indivisível e indestrutível, mas a descoberta da rádio-actividade feita por Henry Becquerel (1896) e as descobertas e experiências que se lhe seguiram mostraram como eram falsas aquelas hipóteses.

que entrem na combinação. Daqui resultava imediatamente a conclusão que as combinações químicas se realizam sempre segundo as relações dos pesos dos átomos que entram nelas. A hipótese atômica vinha assim corroborar as ideias de Richter, generalizando-as para todas as combinações químicas. Contudo o seu valor era apenas teórico. Dalton preocupou-se apenas em verificar experimentalmente a sua teoria considerando as relações entre os pesos de um elemento que se combina com outro em diferentes proporções para dar compostos diversos. Os resultados foram concordantes, tendo sido expressos na *lei das proporções múltiplas*. Foi Berzélius que fez a verificação da hipótese de Dalton a todas as outras combinações químicas. Assim ela ficou estabelecida duma maneira geral servindo de base à notação adoptada por aquele ilustre sábio.

Gay-Lussac (1808) tinha resumido os resultados de grande número de experiências, nas suas leis volumétricas que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da química. Mas enquanto a hipótese atômica exprimia com clareza as leis ponderais já não sucedia o mesmo com as leis volumétricas. Admitida a indivisibilidade do átomo, tornou-se necessário admitir a existência de outra entidade química que seria constituída por um ou mais átomos conforme as condições exigidas pelas combinações em que entrasse. A essa nova entidade chamou-se molécula e a *hipótese atômica* de Dalton foi ampliada com a *hipótese molecular*. Assim a molécula passou a exprimir a mais pequena quantidade de matéria que pode existir no estado livre. Quando as moléculas dum corpo são todas iguais, diz-se que estamos em presença duma *espécie química*; quando são diferentes o agregado é heterogéneo e diz-se uma *mistura*. Enquanto a molécula duma substância simples contém um ou mais átomos iguais, a molécula dum composto é constituída por átomos diferentes.

Estabelecidas as leis de Boyle-Mariotte e de Charles-Gay-Lussac, procurou-se interpretá-las com a hipótese molecular. O primeiro facto que tinha sido observado foi que havia uma contracção de volume quando se produziam alguns fenómenos químicos e que todos os corpos possuem em maior ou menor grau a propriedade de compressibilidade. Este facto podia ser explicado de duas maneiras diferentes. Ou admitir que as moléculas podiam diminuir de volume produzindo a diminuição do volume total, ou supor que entre elas há intervalos que seriam ocupados pelas moléculas de outras substâncias, nas misturas, ou se reduziam em virtude do aumento de pressão. Esta segunda hipótese pareceu a mais conforme com a experiência e foi aceite, portanto. Segundo este critério estabeleceu-se que as moléculas dos gases estão muito *distanciadas* e, em vista dos fenómenos de difusão, deduziu-se que as suas moléculas estão constantemente *em movimento*. Este movimento molecular levou Bernouilli (1738) a formular a *teoria cinética dos gases* desenvolvida depois por Maxwell, Boltzmann, etc., que permite interpretar a maior parte das propriedades dos gases. Assim se explica a pressão atribuindo-a aos choques das moléculas sobre as paredes dos vasos que os encerram. Para que a pressão mantenha um valor constante é necessário que o número de choques e a sua intensidade não diminua e porisso se supõe que as moléculas são *perfeitamente elásticas*. Quanto mais reduzirmos o volume ocupado por um gás, menores se tornam os espaços a percorrer pelas moléculas e portanto mais frequentes os choques contra as paredes do vaso. Assim, quando diminui o volume ocupado por um gás a pressão aumenta em proporção e a lei de Boyle é perfeitamente interpretada. A experiência mostrando que existe a proporção traduzida na lei de Boyle, leva-nos a supor também que as moléculas *seguem trajectórias rectilíneas* pois que, se descrevessem órbitas fechadas, nem todas elas chocavam com as paredes do vaso

e a proporcionalidade não podia manter-se. Também dêste facto se conclúi que as moléculas dos gases têm uma fraca tendência para se aproximarem.

A teoria cinética molecular permite explicar também o facto dos gases não se comportarem como indica a lei de Boyle quando a pressão é muito baixa ou muito alta. Com efeito admitindo que as moléculas têm sempre uma certa tendência a agregar-se, ainda que seja num grau insignificante, como sucede nos gases, essa tendência torna-se mais apreciável quanto menor fôr a pressão. Por outro lado, considerando que a compressibilidade resulta da diminuição dos espaços intermoleculares, quanto mais alta fôr a pressão tanto mais pequenos são êsses espaços e mais difícil, portanto, a redução de volume.

O aumento de temperatura tornando maior a energia cinética do conjunto determina um aumento correspondente na velocidade das moléculas e, como o choque é função da massa e da velocidade do móvel, neste caso a pressão aumenta. Se quiséssemos que a pressão se mantivesse teríamos de aumentar o volume na mesma proporção. Assim a lei de Charles fica perfeitamente interpretada. A hipótese cinética molecular permite também interpretar a lei de Gay-Lussac que a hipótese atômica não interpretava com suficiente clareza. Em todo o caso já vimos que as leis ponderais que regem as combinações químicas ficavam perfeitamente estabelecidas em harmonia com a hipótese atômica e a hipótese molecular em nada prejudicou essa concordância. Os fenómenos de difusão que levaram a estabelecer a teoria cinética dos gases verificam-se também nos líquidos e nos sólidos permitindo estabelecer a teoria cinética molecular duma maneira geral. Para se fazer passar um corpo do estado sólido ao estado líquido e gasoso, é preciso aumentar-lhes a energia cinética, e portanto a velocidade das suas moléculas, conseguindo assim diminuir a sua tendência coesiva. Inversamente, diminuindo a energia cinética diminui a velocidade das moléculas e aumenta a tendência coesiva, mas nem porisso se suspende o movimento. A descoberta de Roberts Austen e as experiências de Spring com pequenos cilindros metálicos mostram nitidamente o fenómeno de difusão mesmo quando a matéria se encontra no estado sólido. Quando um sólido se dissolve num líquido a sua massa fica disseminada pela massa do líquido e o aumento de volume que experimenta traduz um estado praticamente análogo ao estado gasoso. E' assim que nas soluções se verifica a propriedade de difusão e as leis de Boyle e de Charles. A' pressão que os gases exercem sobre as paredes do vaso corresponde aqui a pressão osmótica que é proporcional à concentração da solução e à sua temperatura, exactamente como nos gases. Foi Van t'Hoff quem descobriu a analogia entre as soluções e os gases, o que muito contribuiu para a determinação de pesos moleculares.

Em aditamento à hipótese molecular, Avogadro e Ampère emitiram, quasi ao mesmo tempo, em 1811, a hipótese de que *volumes iguais de quaisquer gases nas mesmas condições de pressão e temperatura têm o mesmo número de moléculas*. Esta hipótese extraordinariamente fecunda permitiu a comparação das massas moleculares.

Determinado o número e o pêso das moléculas interessa colhêr elementos sobre o seu tamanho, a sua forma e constituição, para nos representarmos, quanto possível, a estrutura da matéria. A princípio supôs-se que as moléculas tinham a forma esférica e eram rígidas e indeformáveis, pois essa hipótese interpretava suficientemente os resultados principais da teoria cinética. Contudo os fenómenos químicos mostram que as moléculas dos diferentes compostos apresentam diferenças características. Na impossibilidade de fazer o estudo directo das moléculas ainda que o microscópio conseguisse um poder de ampliação formidável (pois o tamanho das moléculas

é inferior ao comprimento de onda das radiações luminosas e portanto seria impossível a sua percepção) recorreu-se a métodos indirectos. As moléculas dos líquidos e dos gases estudam-se facilmente fazendo-as atravessar pela luz polarizada e verificando o desvio que sofre o plano de polarização. O estudo das moléculas dos sólidos faz-se também reduzindo estes a pó muito fino que se põe em suspensão num líquido de densidade conveniente, obtendo-se o que se chama um *licor mixto* que se comporta como um líquido ordinário e se submete à acção dum campo eléctrico ou magnético. Assim se consegue determinar os seus elementos de simetria e verificar se as propriedades da substância variam (anisotropia) ou não (isotropia) com a direcção, o que fornece indicações sôbre a estrutura. Quanto ao tamanho das moléculas os valores a que se tem chegado são bastante concordantes e, segundo Lord Kelvin, 1<sup>cc</sup> de gás a 0° e 760<sup>mm</sup> contém cêrca de 10<sup>20</sup> moléculas.

\* \* \*

Döbereiner (1829) notou pela primeira vez que havia uma relação importante entre os pesos atômicos dos elementos e as suas propriedades, constituindo grupos de três elementos tais que o pêso atômico do elemento médio fôsse aproximadamente a média aritmética dos elementos extremos e verificando que as suas propriedades estavam de acôrdo com essa média. Depois Chancourtois (1862) teve a idéa de dispôr os elementos segundo a ordem dos seus pesos atômicos e procurou estabelecer um processo que permitisse exprimir as propriedades dos elementos em função dos seus pesos atômicos. Nesta orientação é notável a tentativa de Newlands (1863-4) dispondo os elementos em oitavas, por ordem crescente dos pesos atômicos, mostrando a analogia dos elementos quando agrupados de 8 em 8: *lei das oitavas*. Porém a partir do cloro já as oitavas se tornavam difíceis de estabelecer e foi Mendelejeff que numa importante memória publicada em 1869 resolveu essa dificuldade com o seu *sistema periódico* dispondo os elementos em grupos de 7. Estas classificações dos elementos conseguiram mostrar que as propriedades são funções periódicas dos pesos atômicos e portanto entre os átomos dos diferentes elementos há uma estreita relação. Dêste modo o velho sonho de transmutação da matéria que preocupava os alquimistas apresenta-se viável. A lei de Moseley exprime mesmo a relação entre os pesos atômicos dos elementos e as suas frequências no espectro de raios X.

O pêso atômico exprime assim uma determinada conformação da estrutura do átomo cujo estudo se consegue fazer pela passagem dos raios  $\alpha$  através da matéria. A experiência tem mostrado que os raios  $\alpha$  não sofrem quási difusão quando atravessam um meio de alguns centímetros de espessura e portanto o seu trajecto não pode ser feito através dos espaços inter-atômicos, mas sim através dos próprios átomos que por êsse motivo não podem ser macissos. Assim se estabeleceu a hipótese de que os átomos são constituídos ainda por partículas mais pequenas separadas por grandes intervalos. Essas partículas são corpúsculos positivos e negativos, meras modificações do éter, cujas cargas se equilibram de forma a manter o átomo no estado neutro. Em todo o caso o campo eléctrico determinado por aqueles corpúsculos provoca o desvio de algumas partículas  $\alpha$  que serve para nos elucidar sôbre a distribuição das cargas positivas e negativas. Rutherford interpretando estes desvios imaginou os átomos como sendo constituídos por um núcleo central, muito pequeno, em tôrno do qual se movem corpúsculos negativos ou electrões, em número suficiente para equilibrarem a carga positiva do núcleo. São, por assim dizer, universos em miniatura, onde os

electrões descrevem órbitas, em tórno do núcleo, como os planetas em tórno dos seus sóis. (1)

Foi nos raios catódicos descobertos por Hittorf (1869) e estudados por Crookes (1879) que primeiro se reconheceu a necessidade da hipótese dos electrões. As propriedades dos raios catódicos serviram mesmo para determinar a sua massa, a sua velocidade e a carga eléctrica que transportam. A determinação da massa do electrão levou à conclusão que o seu valor era 1800 vezes menor do que a massa dum átomo de hidrogénio. Todavia a massa do electrão não exprime a massa mecânica, que é nula, mas sim a sua massa electro-magnética. Assim se concluiu que o electrão é uma partícula de electricidade negativa sem suporte material, e os raios catódicos, que são formados por electrões, diferem essencialmente daquilo a que chamamos matéria, constituindo o *estado radiante* de Crookes que Le Bon considera o resultado da dissociação da matéria.

Chegámos à fronteira do imaterial (2) e de lá, alongando a vista pelo espaço infinito, um novo domínio se rasga ao conhecimento humano. Soddy falando do rádio diz: «Actualmente enquanto tudo é ainda estranho e novo e o simples nome desta sciência (rádio-actividade) não é familiar, pode parecer vão tentar predizer os efeitos que estas descobertas, ligadas fundamentalmente à natureza última da matéria, exercerão sobre as nossas concepções relativas ao destino final do homem... Presentemente basta indicar que a rádio-actividade introduziu uma nova maneira de encarar os problemas fundamentais da existência».

O materialismo ruíu aos golpes formidáveis da sciência que êle próprio divinizou. Aos espiritualistas pertence, agora, erguer o templo do futuro, com o material precioso que o passado nos legou neste caos informe de destroços que o presente nos oferece.

ANTÓNIO L. VILELA

(1) O modelo atómico de Rutherford considerando o átomo formado de um núcleo central carregado de electricidade positiva em tórno do qual se movem os electrões, apresenta uma dificuldade enorme.

De facto se os electrões se movem em tórno do núcleo devem emitir energia radiante sob qualquer das suas formas (ondas hertzianas, infra-vermelhas, luminosas ou ultra violetas e raios X), e esta emissão necessariamente diminuiria a intensidade do movimento electrónico, acabando os electrões por cair sobre o nódulo.

Bohr procurou resolver esta dificuldade admitindo que cada electrão descreve órbitas circulares, determinadas, havendo apenas fenómenos de emissão quando, por dinamisismos ignorados, se modifica a sua órbita.

Assim consegue explicar a estabilidade da estrutura atómica.

Sommerfeld modificou a teoria de Bohr admitindo que as órbitas dos electrões seriam elíticas e não circulares.

Contudo a hipótese de Bohr, (1913) a-pesar-de recente, foi posta de parte sendo substituída pela hipótese de Langmuir, que se apoia na teoria da relatividade de Einstein.

(2) Berkeley foi demasiado longe na sua crítica da matéria. O *imaterialismo* a que conduz a sciência moderna não perde o seu carácter objectivo; e nisso difere fundamentalmente do subjectivismo fenomenista da crítica berkeleyana.

Aos nossos leitores confiamos a propaganda desta Revista  
cuja publicação representa bastante esforço e encargos  
pesados

# Espiritismo e Medicina

Entre tantos fenómenos que hoje se reproduzem com uma freqüência extraordinariamente crescente, o que bem transparentemente denuncia terem chegado os tempos, anunciados por Jesus, da visita do Revelador, entre tantos fenómenos, aqueles que mais directamente chocam os incrédulos e que porisso mesmo são de molde a conduzirem, mais do que nenhuns outros, à conversão, ou, pelo menos, à dúvida àcerca da solidez dos princípios em que assenta a sua incredulidade, são aqueles mesmos com que Cristo abalou os espíritos da sua época: — as curas. Ainda neste paralelismo se descortina no actual movimento do Espiritismo a continuação da maravilhosa obra de Jesus. Como tal não pode deixar de o acompanhar, como seu orientador e inspirador, como seu movimentador e propulsor, o Espírito grandioso e potentíssimo, como Filho amado de Deus, do humilde Filho de Maria. Os tempos são, pois, chegados. O revelador está conosco. E é porisso que hoje há sonhos e visões e profetas; e é porisso que hoje se afastam *demónios* e realizam curas que deixam boquiabertos, atónitos e indecisos, aqueles dos profissionais da medicina, a quem estes ex-segrêdos escapam, por não fazerem, — tomando-a como ridícula — uma tentativa para apreendê-los.

Parece-nos entretanto que não deveria ser essa a sua atitude. Se a sua profissão consiste em proporcionar o bem do corpo entendemos que não devam regeitar os meios de consegui-lo, sejam êles quais forem. Aos médicos, portanto, mais do que a qualquer outra classe, julgamos impôr-se o estudo dêsse outros elementos de patologia, de etiologia, de propedêutica e de terapêutica, baseados no conhecimento da alma e da vida do Além, o que em nada perturbaria ou prejudicaria — antes iluminaria e enriqueceria — a medicina oficial, essencialmente materialista e por vezes scéptica; e tão scéptica que chega a desesperar de casos em que a medicina dos Espíritos, conseguindo a cura, vem demonstrar que a Esperança e a Fé, filhas da Crença e do Amor, ainda são duas grandes virtudes que não deveremos menosprezar, e que à medicina oficial compete alargar os seus horizontes, ultrapassando os estreitos limites da matéria, e assim reconhecer que, para curar o corpo, necessita não descurar o tratamento da alma. E êste é incontestavelmente o mais importante, dado que mais depende o corpo do espírito, do que o espírito depende do corpo. Quantos e quantos doentes não exalam o último suspiro, deixando-se que seus espíritos desincarnem, por a sciência oficial não possuir armas de combate para essas doenças, ou para o estado em que êsses doentes se encontram? E quantos não são os casos em que acontece « abandonar a criatura êste planeta », desconhecendo-se a causa que o determinou a-pesar-de não se terem desprezado, para se fundamentar um diagnóstico, nenhuns dos elementos que para êsse fim a sciência nos faculta? Quantas e quantas não hão sido as criaturas que *morrem* devido a essa falta de diagnóstico, com a qual o médico não pode deixar de sentir-se desnor-teado e entorpecido? que *morrem* enfim sem deverem *morrer*?

Os manicómios enchem-se de doidos, em grande parte considerados incuráveis; e, contudo, quantos dêles não serão susceptíveis de cura, se, pensando-se na possibilidade de uma obsessão, se lhes administrasse um tratamento adequado? E tudo isto porquê? Porque a sciência oficial, orgulhosa no seu pedestal de honra, não quer descer ao que supõe uma humilhação, quando só se exaltaria, aceitando, para progredir e aproximar-se

quanto possível da perfeição, aquilo que lhe falta e que o Espiritismo lhe pode fornecer; aceitando, enfim, desde já aquilo que, com o decorrer dos tempos, fatalmente terá de aceitar. Porque falamos assim, já estamos pressentindo risos de mofa. Mais do que os pressentimos; temos dêles a certeza. E contudo as sciências médicas, sem darem porisso, já avançaram um passo no sentido que apontamos. Referimo-nos ao magnetismo e ao hipnotismo. Não assistimos presentemente a curas, algumas bem maravilhosas, conseguidas pela simples intervenção dêsses agentes, que nada têm de material, no sentido em que se toma a palavra *matéria*?...

Como exemplo, embora muito banal, de curas dêste género, vamos relatar o caso duma doente, rapariga dos seus 20 anos, que em tempos tratámos na Figueira da Foz:

Divertia-se essa rapariga na praia com uma companheira e com um rapaz, pouco mais ou menos, da mesma idade. Por uma dessas brincadeiras vulgares na areia, empurrou-a o rapaz sôbre a companheira, que prèviamente se debruçara por detrás dela. Caindo inesperadamente de costas, não mais poudes a rapariga levantar-se, queixando-se de *que tinha partido a espinha*. Conduzida em braços para casa, deitaram-na; a rapariga, porém, continuando a queixar-se de dôres *na sua espinha*, guardava uma imobilidade absoluta no leito, no decúbito lateral esquerdo, chorando e clamando que — *não se podia mover nem mudar de posição*. Foi assim que a encontrámos quando, requisitados os nossos socórrs, nos abeirámos da sua cama.

Observando-a, nada de anormal descobrimos na coluna vertebral, nem tão pouco em tôda a região vizinha. A doente, enfim, que apenas acusava uma dôr intensa mais ou menos localizada no trôço dorsal da coluna vertebral, nenhum sintoma de outra ordem oferecia, que sequer nos pudesse fazer suspeitar de uma fractura da espinal medula. Côncios de que a criatura não era portadora de nenhuma lesão orgânica, e tendo nós a êsse tempo começado a aproveitar algumas das nossas horas livres em instruções sôbre magnetismo, ocorreu-nos experimentar neste caso os seus efeitos, para o que, sugerindo-lhe que não tinha a *espinha* partida, mas apenas deslocada, e que tudo voltaria ao seu lugar com umas massagens que iríamos dar-lhe, começamos a percorrer-lhe a coluna vertebral com a palma da nossa mão, sempre de cima para baixo, desde a região cervical à lombar. Após uma meia dúzia de passagens, fomos-lhe sugerindo que já estava melhor... que a espinha estava quási no seu lugar... que estava cada vez melhor... que já nem sentia dôr... e assim sucessivamente, num crescendo de sugestões, essa criatura, dentro de pouco tempo, uns 10 a 15 minutos, se tanto, já se movia e já se voltava, não sentindo incómodo algum.

O que interveio neste caso senão um factor de ordem psíquica?

Para se explicarem tais curas, aproveitou-se o termo *sugestão*, ao qual não poderão dar uma definição aceitável aqueles que se obstinam em não admitir nada que seja estranho à matéria, bem que sejam estes os que mais o empregam. Ora a sugestão, aproveitemos o termo, nada mais representa do que a influência exercida por um espírito sôbre outro espírito. Se, pois, essa simples influência espiritual confere à alma o poder de restabelecer o corpo, evidente se torna a sua preponderância e portanto a conveniência de não a descurar, o que em nada prejudica os conhecimentos até aqui adquiridos, antes os enriquece com uma nova soma de aquisições que não são para regeitar, antes pelo contrário, porquanto nelas encontrará a sciência elementos que em muito contribuirão para o seu progresso, desenvolvendo e alargando o seu campo de acção.

O que dizemos a propósito dêstes fenómenos, chamados de *sugestão magnética*, estende-se aos fenómenos espíritas, para os quais aqueles repre-

sentam uma como que transição dos fenómenos de ordem material. Assim como o movimento começa onde o repouso acaba, assim também onde acaba a esfera de acção da sciência oficial, fundamentalmente materialista, começa a esfera de acção das sciências espiritualistas. Diferentes, como são, os campos em que actuam, nem aquela briga com estas, nem estas com aquela.

Essas sciências, portanto, não se destroem, mas sim completam-se.

\* \* \*

Como nas religiões, impera na sciência oficial um dogmatismo terrível que tudo procura subverter, opondo-se a admitir tudo quanto, na aparência que seja, lhe ofereça características de superioridade. Essa opposição não é, pois, sincera, mas sistematicamente cega; e tanto assim que ela se levanta, desconhecendo, por vezes em absoluto, aquilo que combate. Dado, porém, que nada há que não seja natural, em que consistirá a superioridade dumas coisas sobre as outras? Apenas na sua finalidade.

Se, pois, a Medicina se propõe curar o corpo, — e eis nisso uma das características da sua superioridade — se, visando êsse alvo, ela se tem elevado de dia para dia com novas e maravilhosas descobertas, porque não deverá, para continuar a elevar-se sempre, transpôr as barreiras do mundo orgânico e inorgânico, do mundo material, enfim, já para ampliar os seus conhecimentos, já para não ser forçada a confessar-se impotente em certos casos, relativamente muito numerosos, em que um poderoso recurso ainda haja a tentar? Inferioriza-se, ou rebaixa-se, a medicina pelo facto simples de êsse seu avanço arrastar consigo a humilhação do materialismo?

Creemos que não; e tanto mais quanto êste, porque não obedece a uma finalidade levantada, unicamente poderá contribuir, e contribui, para comprometê-la, contribuição essa bem oposta à que a medicina poderá usufruir do espiritismo, dessa sciência de tão superior finalidade que, penetrando nos arcanos da alma, elevando-se às regiões superiores das esferas, desvendando os segredos da morte, procura conduzir os homens pelo melhor caminho, depurando-lhes o Espírito, aproximando-os de Deus. Desde que a medicina revista — e é êsse o seu mais nobilitante papel — o carácter da filantropia e do humanitarismo pelo amor, e não o carácter industrial e interesseiro, o que infelizmente... — como ocultá-lo?... — é tão freqüente, o seu dever está em não desprezar nada, absolutamente nada, que possa guiá-la e conduzi-la ao fim altruísta que se propõe atingir na sociedade.

Se, pois, a patologia se acha incompleta, e se o seu complemento se encontra no mundo espiritual, porque não deveremos estudar essa patologia da alma? Se em muitos casos a etiologia nos escapa por desconhecermos que muitas dessas doenças têm a sua causa no mundo espiritual, porque motivo deveremos ser impedidos de estudar êsse mundo e de revelar essa nova etiologia? Se no campo da terapêutica oficial, desde a mais primitiva à mais avançada, não possuímos o suficiente para enfrentarmos uma enormíssima soma de casos, porque deverá ser-nos negado o recurso do *laboratório espiritual*, tão rico na quantidade e qualidade das suas *drogas*, obstando-se ao estudo e desenvolvimento dessa terapêutica, a terapêutica dos fluidos, quer ela seja colhida do magnetismo e do hipnotismo, quer do espiritismo, isto é, manipulada pela prece e doseada pelos conhecimentos da alma e da vida do Além? A' medicina, portanto, — querendo manter-se à altura da sua nobreza — impõe-se não repelir coisa alguma do que a nobilita. Poderá discordar, sim — e em quantos pontos oficiais não discorda ela?... — mas discordar com razão de causa, depois de estudar o assunto, tanto teórica como experimentalmente, isto é, com sinceridade, com lealdade e imparcialidade, ou seja, despindo-se de preconceitos e dogmatismos que só podem

servir de travão ao progresso. Mas negar por negar; negar por uma incredulidade doentia que a ignorância mantém, não. Seria e é o mesmo que afirmar-se, que não se goste, ou, mesmo, que não possa ser boa uma comida que nunca se haja provado. Mas crêmos bem que êsse estudo apagara em muitos lábios os seus mofentos sorrisos de superioridade; e crêmo-lo... porque também já passámos pela fase de nos sorrirmos assim e pelo mesmo motivo.

\* \* \*

Á medicina impõe-se, em face do exposto, para atingir a sua finalidade, avançando até onde possa avançar, não hesitar, nem recuar, à sombra de preconceitos. A' Medicina, como a todas as sciências, mas à medicina muito particularmente, impõe-se não olhar aos meios para atingir os fins, começando por sacudir dos seus lábios êsses equívocos sorrisos de troça e por vezes de forçada incredulidade, com que só poderá deprimir-se, dando aso a que, contra as suas expectativas, se consigam resultados contrários e opostos aos seus prognósticos, negando enfim à Humanidade, por virtude da sua teimosia, aquilo que a Humanidade lhe exige, isto é, o seu relativo bem estar terreno. Reagir à aquisição dos conhecimentos que se lhe oferecem para enriquecer-se, será mais do que fugir às responsabilidades que se lhe exigem, como sciência votada à filantropia e ao humanitarismo, numa palavra, à caridade. E' mais do que isso: é deixar-se contagiar pelo orgulho e orgulhosamente deixar-se cegar pela vaidade e pela soberba. E' ainda mais: é negar a sua alevantada finalidade, é comprometer o que mais a nobilita, visto que em muitos e inúmeros casos não faz o que poderia fazer; é, enfim, fazer-se cúmplice dum crime, obstinando-se rebeldemente em não transpôr a barreira que lhe limita a acção, e negando-se a receber a luz que viria esclarecê-la e conduzi-la sem hesitações através do longo caminho do progresso.

Até aqui existiam dois sacerdotícios: — o do corpo e o do espírito —; o do corpo administrado pelos filhos da sciência, o do espírito pelos árbitros das religiões. De futuro poderemos dizer que haja só um: — a medicina. A esta compete não só o tratamento do corpo como também o da alma. Para curar o primeiro conveniente se torna tratar da segunda, indispensável sendo mesmo, em muitos casos, a cura da segunda para se conseguir a do primeiro, ou ainda, o que é mais, o tratamento dum espírito desincarnado para se obter a cura do incarnado e do seu invólucro corpóreo.

Duvidais de que seja assim? Mas como vos atreveis a duvidar, quando os casos, alguns dêles bem divulgados, se multiplicam de dia para dia?!...

Não negueis por simples propósito de negar, porque, enquanto não dedicardes um pouco da vossa atenção a estes fenómenos, não tendes êsse direito, a não ser que queirais dá-lo também aos vossos difamadores, quando, descrendo do vosso poder e da vossa sabedoria, — de ordinário descrentes do vosso género, pois que não vos conhecem — vos acusem de terdes progredido pouco. Não queirais ainda conferir a leigos o direito de se possuírem a vosso respeito dum tão extraordinário fatalismo que, não confiando em vós, pensem, como tantas vezes temos visto pensar, — que só morre quem tem de morrer, e que, quando o mal é de morte, de nada vale a medicina.

Não vos envergonheis, nem acobardeis, portanto, Nobre Sciência, — porque não vos desvirtuais com isso, antes seguis o vosso radioso caminho — de reconhecerdes na alma e no Além fontes de grandes ensinamentos, e bem assim de vos vergardes perante uma sciência e um poder superiores aos vossos, — a sciência e o poder de Deus — porque essa sciência e êsse poder mais vos honram e nobilitam do que vos comprometem e humilham.

# Exegese filosófico-metafísica do Espiritismo

## I

*Depois de ter dito O que penso do Espiritismo, publicado nesta mesma Revista (número 5, correspondente a Setembro-Outubro de 1928) acrescentei, pouco mais ou menos, o seguinte: «Estes assuntos merecem demorado estudo e são, por isso mesmo, inabordáveis numa simples exposição de conjunto, como me foi pedida e aqui faço. Por isso este esboço apenas pode considerar-se como o início de outros trabalhos que, contando com a benevolência desta Revista, tratarei de fazer na medida do tempo de que disponho e da tolerância da minha precária saúde».*

*Chegou o tempo de pagar uma parte desta dívida com a Exegese filosófico-metafísica do Espiritismo que se segue; e mais tarde, contando sempre com a indulgência da Revista e o agrado do leitor, e com os factores tempo e tolerância das minhas enfermidades, que não posso desprezar, acabarei de saldar o restante com a Exegese do Espiritismo no seu aspecto metapsíquico ou fenoménico.*

*E entro no assunto.*

### I — Cosmologia <sup>(1)</sup>

**Tese** — «Deus, inteligência suprema, é a Causa primeira de todas as coisas. O homem não pode compreender a natureza de Deus; no entanto, não pode deixar de admitir que seja eterno, infinito, imutável, imaterial, onisciente, onnipotente e soberanamente justo e bom, porque à razão repugna que fôsse Deus se lhe faltasse alguma dessas perfeições, ou não as possuísse em grau infinito».

**Comentário** — A existência duma Causa primeira, qualquer que seja o nome que se lhe dê, é aceitável pela razão apodítica que não pode haver efeito sem causa. E' também aceitável que o homem não possa compreender a natureza dessa Causa primeira, porque não pode compreender nada que ultrapasse os limites do seu reduzido entendimento. Porém já não é aceitável, nem cabe sequer na mentalidade humana, o dizer que Deus, ou a Causa primeira, deve possuir todas as perfeições em grau infinito, porque, dizer «perfeições» e dizer «graus», especialmente, é estabelecer diferenças e limitações que não podem existir no Absoluto.

**A nossa exegese** — Acreditamos em Deus. Parece-nos muito mais ilógico negar do que aceitar a sua existência porque, admitindo-a, temos, ao menos, o apoio da razão natural, que aceita, sem repugnância, uma Causa Absoluta, um Criador incriado, enquanto para negá-lo, apenas podemos dizer que êsse Sêr não cabe no nosso entendimento. Precisamente porisso, por não caber no nosso entendimento, por não podermos defini-lo nem demonstrar scientíficamente a sua existência, é porisso que se nos impõe como evidência moral. Se nos fôsse possível demonstrá-lo, ou simplesmente defini-lo, já não seria Deus, já não seria a Causa primeira: seria tudo o mais, igual ou inferior a nós, mas não a origem de tudo quanto existe.

(1) Ciência do Kosmos e sua causa — de *Kosmos*, conjunto de sistemas estelares; *oles*, em geral; *ætia*, causa; e *logos*, tratado.

Nem sequer recorrendo à palavra «Natureza» podemos eximir-nos logicamente a aceitar Deus, porque, ou a palavra «Natureza» nada significa, ou significa a totalidade das manifestações cósmicas e bem se vê que não há manifestação alguma que não obedeça à sua lei, e conseqüentemente, que a «Natureza» no seu conjunto e em cada uma das suas partes é efeito e não Causa primeira.

Resulta pois, em conclusão, que da Causa sem Causa não é possível dizer outra coisa senão que E' ou que não E', sendo muito mais lógico aceitá-la do que negá-la.

## II — Cosmologia

**Tese** — «Há dois princípios gerais do Universo: a matéria e o espírito; e acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas — eis a Trindade universal. Só Deus sabe se a matéria existe de toda a eternidade, como Ele, ou então se foi criada por Ele num tempo qualquer. Todavia, a nossa razão diz-nos que Deus nunca esteve inactivo. — O Espírito é o princípio inteligente do universo. Não é a inteligência, mas sim o princípio da inteligência; também não é a matéria porque um e outra são distintos, mas é necessária a sua união para dar inteligência à matéria. — A matéria extensa, impenetrável e ponderável para os nossos sentidos existe também em estados que nos são desconhecidos. Podemos defini-la como o laço que encadeia o espírito, o instrumento que o serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, êle exerce a sua acção. — A matéria é formada de um só elemento primitivo; as suas diferentes propriedades são modificações que sofrem as moléculas elementares pela sua união em determinadas circunstâncias. — O espaço universal é infinito. Não existe o vácuo. O que é vazio para os nossos sentidos físicos, está ocupado por uma matéria inapreciável aos nossos meios perceptivos. — Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, na terra; o véu vai-se-lhe levantando à medida que êle se purifica; mas para compreender certas coisas necessita faculdades que todavia não possui. A ciência foi-lhe dada para o seu avanço em todas as coisas; mas não pode ultrapassar os limites que Deus lhe fixou».

**Comentário** — Dizer que «Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, na terra», parece-nos, simplesmente, uma blasfêmia. Isto corresponde a colocá-lo ao nível dum tiranete voluntarioso, que permite a uns e não permite a outros dos seus vassallos que disfrutem, por exemplo, a beleza dos seus jardins. E se essa permissão depende da depuração que o homem vai alcançando, já não é permissão, mas sim remuneração, compensação. Também não pode dizer-se que a ciência «foi dada» ao homem para o seu avanço em todas as coisas, mas que não pode ultrapassar os limites que Deus lhe fixou. Um olhar retrospectivo mostra-nos, com evidência, que o homem não recebeu a sua ciência como dom, mas sim que a descobriu e coordenou com o seu próprio esforço e a usufruiu como prémio de conquista. Se em cada geração não ultrapassou certos limites, é mais lógico e mais reverente supor que foi porque a sua capacidade conquistadora não lhe permitiu ir mais além, do que atribuir essa restrição à vontade de Deus que lhe opusesse o seu veto. Admitido que êste veto existisse, teríamos de perguntar porque motivo Deus tem sido tão pródigo nos nossos tempos, que certamente não primam pelas virtudes, e tanto mais mesquinho foi para os nossos antepassados quanto mais recuados êles são.

Não sabemos se a matéria existe de toda a eternidade, como Deus, ou se foi criada por Ele num tempo qualquer, mas sabemos... que as duas

proposições são igualmente inadmissíveis. Se a matéria existe de tãda a eternidade como Deus, e não é Deus, êste já não é absoluto, não é a Causa primária de todas as coisas; e se foi criada por Ele, de que a criou? O que era antes de ser criada? — O Espírito, o princípio inteligente do universo, é outro enigma. Existe de tãda a Eternidade? E' criação divina? Surgem aqui as mesmas reflexões que fizemos em relação à matéria e mais esta outra: de que teria feito Deus o espírito para que ficasse tão superior à matéria? Que motivos pôde haver para tamanha diferença?...

Criados como princípios o espírito e a matéria, não se nos apresentam como princípios, mas sim como primeiras manifestações do poder criador de Deus, que pode continuar criando todas as coisas sem se sujeitar a lei... Perdão! E' que não se pode analisar sem dissociar!

**A nossa exegese** — Como hipótese cosmológica, parece-nos muito aceitável a do evangelista João quando diz: «No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. — Todas as coisas foram feitas por êle; e sem êle nada do que existe teria sido feito». Estes dois versículos são admiráveis. Impossível é definir uma Cosmologia com menos palavras e impossível fazê-lo com mais acêrto. Para nos convenceremos disso basta dar à palavra «Verbo» tãda a sua significação e alcance gramatical. Vejamos. O «Verbo», em gramática, significa essência, acção, paixão ou estado, com expressão de tempo, número e pessoa. Pois bem: — se no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus, teremos que no princípio era e estava em Deus e com Deus, no infinito absoluto, a Essência dotada de tãda a potência ou acção geradora de paixão ou estado e determinada de tempo, número e pessoa; ou, o que é o mesmo: de tudo o que limita, diferencia, forma, deforma, destrói e reconstrói; de tudo o que, pela eficácia das proporções definidas, como dizem os cosmólogos contemporâneos, reúne a matéria galáctica para formar as nebulosas, os sistemas estelares, os sóis, os mundos, os átomos, as células vivas, os órgãos, os aparelhos, os corpos, e o animal e o homem... Bem pode dizer-se que sem êle, sem o Verbo, nada do que existe teria sido feito. E também pode acrescentar-se que, com esta concepção cosmogónica, desaparecem todas as antinomias que vinhamos examinando, e o monismo de Haeckel, convertido em monismo espiritualista, adquire todo o seu esplendor. Hoje, perante as mais recentes conquistas da sciência, já não pode sustentar-se que no Universo tudo é fôrça e matéria, porque esta última foi suprimida pela fôrça, à qual não é possível atribuir-se substantividade, posto que em todas as suas modalidades se reduz a tantas vibrações quantos os comprimentos de onda por segundo ou fracção de segundo; e como a vibração é um efeito e não uma causa, impõe-se reconhecer o Verbo, a essência ou substância única, universal, imanente no seu sêr e transcendente, nas suas possíveis manifestações, ao infinito, como causa eficiente de quanto foi, é e será, no tempo e no espaço, de tãda a eternidade e para tãda a eternidade.

(*Continua*)

QUINTÍN LOPEZ

*Procura tempo para estares contigo. — KEMPIS*

*A reflexão aumenta o vigor do espírito, assim como o exercicio aumenta a fôrça do corpo. — LÉVIS*

## Um caso de bilocação consciente

Escreve-nos o nosso dedicado Confrade sr. António Sebastião Monteiro, morador na Avenida de Vasco da Gama, n.º 13 — Moçambique (Africa Oriental Portuguesa), narrando o seguinte facto:

*« Numa das noites do mês de Outubro do ano findo (1928) após a leitura duma pequena passagem de um livro, fechei a porta do meu quarto à chave, colloquei o despertador sôbre a mesa de cabeceira, apaguei o candieiro e deitei-me. Eram apròximadamente 10 horas e adormeci em seguida. Duas horas depois despertava com ótima disposição; e como tivesse o conhecimento espontâneo de que iriam dar-se factos anormais, como que esperando-os, deixei-me ficar na posição em que despertei.*

*Uma ténue claridade começou por me invadir o aposento para, momentos depois, ser tão intensa que me permitia vêr todos os móveis que o guarneciam, e o despertador que marcava meia noite. Como sentisse uma vontade impulsiva de me levantar, saltei para fora do leito e deixei-me ficar sentado no seu rebôrdo, para assim melhor admirar o fenómeno. Absorvido com a grandeza do que se passava puz-me de pé para poder percorrer com a vista todo o aposento e analisar melhor o que se estava passando uo derredor de mim.*

*Quando ia fechar o círculo por mim descrito e que terminava na cabeceira do leito, mais surpreendido fiquei vendo-me, em carne e osso, deitado sôbre o leito. Compreendi então que o meu duplo se tinha exteriorizado, reproduzindo inteiramente o meu corpo físico, as mesmas feições, e conservando todo o meu conhecimento individual. Eu revia-me para me certificar de que não era uma ilusão.*

*Ainda para me certificar melhor fui colocar-me ao fundo do quarto, ficando-me de permeio os onze varões dos pés da cama que têm um metro e vinte de altura por sete palmos de largura e servem permanentemente de suporte à colcha e coberta por não me utilizar delas em virtude das noites de Africa serem muito cálidas. Dêste ponto eu via, nitidamente, o meu corpo físico deitado sôbre o leito, como se não existisse obstáculo algum. Despertando-se-me o desejo de percorrer todas as dependências da casa, imediatamente as comecei percorrendo sem necessidade de abrir a porta do meu quarto, a da casa de jantar, a da sala e a que dá acesso para o quintal, assim como também transpuz, sem o menor obstáculo, algumas paredes, uma das quais com 40<sup>cm.</sup> de espessura.*

*Tudo isto eu fazia como se estivesse em campo desimpedido e, em qualquer ponto em que me encontrasse, voltando-me, via o meu corpo físico estendido sôbre o leito, assim como o recheio do quarto e tudo o mais por onde tivesse passado. O que deixo dito apenas dá uma pálida idéa do que presenciei.»*

O estudo dos fenómenos anímicos mostra bem como o espírito pode manifestar-se e adquirir conhecimentos sem ser por intermédio do seu organismo físico, o que elucida bastante o problema da morte, pela independência que se manifesta.

*Graças ao espiritismo pôde nascer a sciência metapsíquica e graças à metapsíquica o espiritismo pôde achar uma base séria e científica. — C. RICHET*

## A AUTORIDADE

Autoridade é a reconhecida competência de determinada pessoa para ajuizar dum facto em litígio e determinar a lei que o rege. Na acepção vulgar, porém, o vocábulo não se toma como expressão da qualidade moral de idoneidade, mas só como significado de poder, de fôrça repressiva do acto, haja ou não em quem a exerce capacidade para julgá-lo — duas acepções que muito importa distinguir.

A autoridade é legítima e indiscutível na primeira; na segunda pode ser arbitrária, e portanto contestável. Além, aquele que a possui tem jus a todo o nosso acatamento; e é coagidos pela própria consciência que nos sujeitamos irremissivelmente aos seus decretos, embora muitas vezes a sua sanção prejudique, mas só na aparência, os nossos interesses; e digo aparentemente apenas, porque, facto assente, a realização do bem dum indivíduo só pode ter lugar dentro do bem da colectividade de que faz parte; e êste depende da harmonia universal, isto é, da conformidade de cada um com as leis naturais dos fenómenos a que todos devemos submeter-nos para realizar o nosso destino. Mas a autoridade tem de impôr-se pelo prestígio da autenticidade manifesta e nenhum outro. Aquele que pretenda imodestamente impô-la torna-a suspeita e desvirtua a sua acção.

No sentido vulgar, a pessoa que está investida de autoridade, nem sempre tem o direito que reclama á nossa submissão; se porém a assume no campo material, como dispõe da fôrça bruta, obriga-nos, por essa circunstância a submetermo-nos mau grado nosso; mas quanto maior fôr a violência imposta ao sentimento inato de justiça que dentro em nós protesta, tanto mais se avolumará e frutificará nos nossos íntimos recessos de alma o germen da revolta gerado por inadmissível e detestada prepotência. A reacção neste campo seria louca temeridade — haja em vista Galileu sôbre o patíbulo — mas na esfera da actividade espiritual, a subserviência a uma autoridade arbitrária, qualquer que seja o seu aparente prestígio, seria uma indignidade degradante que rebaixaria o ente racional ao nível inferior do bruto.

O homem é, por natureza, um sêr pensante. A razão, que pondera e julga, é a sua principal faculdade, a sua característica, a sua prerrogativa. Exercê-la é a sua realeza. Todo o homem tem pois o direito inalienável e o indeclinável dever de sujeitar ao *verdictum* da sua razão os dados de qualquer problema que êle tenha reconhecida competência para resolver. Claro é que o político não está habilitado para resolver problemas de astronomia, nem o psiquiatra tem competência para os cálculos da mecânica. *Suum quique*. Mas se, feitas estas restrições, os dados do conhecimento são verdadeiros, as deduções da lógica individual, que é o reflexo duma das realidades absolutas que admitimos — a razão universal — são verdadeiras também nesse momento psicológico. E são idênticas em todos os indivíduos aplicados ao mesmo estudo, porque, testemunhando a unidade da razão impessoal, *ipso facto* invariável, são as únicas deduzíveis da matéria em litígio.

A razão individual porém, se bem que finita, é progressiva, e portanto a sciência perfectível. Não sofre dúvida que tôda a sciência tem uma parte de verdade — os factos demonstráveis em que se baseia — e uma parte hipotética que oculta o seu complemento ao olhar investigador do obreiro do pensamento até à hora em que, extenuado pela fadiga dum labor improbo que, no dizer do prolóquio latino *omnia vincit*, consegue rasgar o ténue véu

que lho encobria e conquista os foros de autoridade com que afirma aos outros homens a veracidade da sua descoberta. Assim, os elementos da sciência, arrancados dia a dia ao grande livro da natureza pelo génio investigador do homem, modificam-se, completam-se ao voltar de cada página dêsse portentoso livro, e novas surpresas surgem a cada instante do desconhecido devassado, que, no momento anterior, era apenas o misterioso incognoscível. Tantas sciências insuspeitadas dos nossos antecessores na Terra se têm assim constituído no nosso tempo!

E' que, o que hoje é uma verdade incontroversa, ainda ontem o não era e pode não o ser já àmanhã. Variando os dados do conhecimento variam necessariamente as conclusões. Temos pois de aprender, munidos de grande cabedal de saber — que a nossa cultura intelectual deve ser um dos nossos primeiros cuidados — a passar à fieira apertada do raciocínio, sempre insatisfeito, após uma observação rigorosa dos seus elementos, a hipótese que, por verosimil, deva ser tomada como verdade actual demonstrável, ainda que não tenha mais valor que o de hipótese de trabalho, venha ela donde vier.

Sim! Que importa que o sagrado viático da verdade nos seja ministrado pelo génio gaulês, germânico, slavo ou saxónio? Seja de Paris, Berlim, Moscow ou Londres que a verdade nos venha e chegue ofuscante até nós, será sempre a verdade descoberta pelo Pensamento universal, património colectivo da totalidade dos homens que, embora dispersos por todos os pontos do globo, não podem deixar de ter uma só origem, uma só religião, uma só pátria.

O conhecimento, pelo que fica dito, não depende exclusivamente da razão individual, mas conjuntamente das condições da observação e da competência do observador. Sempre relativo, porque a verdade absoluta só poderá ser conhecida do homem quando êle tiver completado a sua evolução espiritual — em que estrêla, depois de que estádios terrenos, após quantos milénios de peregrinação pelo espaço infinito?!... — é contudo cada dia, mais vasto, mais completo, dilatando-se à medida que a alma humana evolui num progresso incessante, como é manifesto, para o inacessível Ideal, atributo privativo de Deus. Preparemo-nos pois, gradualmente, dia a dia, instante a instante, pelo recolhimento e pela meditação, para a sublime entrevista, para a visita à nossa inteligência finita da omnisciência do próprio Deus no termo da nossa evolução. A presciência dum tal destino incita-nos a um estudo perseverante que dissipe a nossa crassa ignorância e nos dê rebate ao coração empedernido no egoísmo, à consciência adormecida na apatia, pelo clarão que rarefaça as trevas em que a materialidade indolente se compraz a fruír gozos que finge acreditar lícitos, sem noção das responsabilidades que tem para consigo, para com a colectividade, para com a humanidade.

Que o revolver do nosso lixo nos desempoeire! Que a depuração da nossa alma se faça! E que essa renovação moral nos fortaleça a coragem, nos robusteça a energia, reavive em nós o sentimento de solidariedade entibiado pelos nossos interesses egoístas e exalte o anseio de transmitir aos nossos irmãos o conhecimento das verdades descobertas com o suor do nosso rosto, num esforço hercúleo de pensamento, que só assim o verbo do homem poderá ser tido por autorizado!

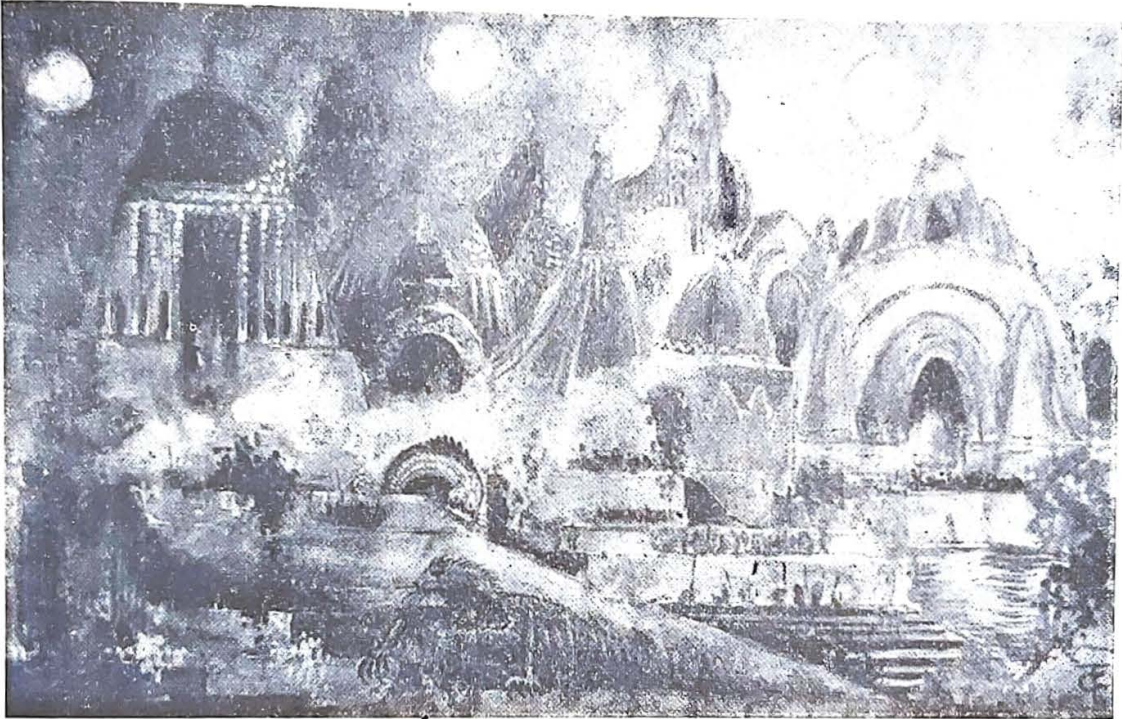
E inspiremo-nos de tolerância para com os adeptos de todas as doutrinas que, se estiverem eivadas de êrro, por si mesmas cairão no esquecimento, sem prejudicar a marcha triunfante dos que avançam para a luz, intemeratos, firmes nas suas convicções.

# O Espiritismo e a Arte

## MÉDIUNS PINTORES

### III—Luigi Bellotti

As manifestações artísticas mediúnicas do prof. Bellotti não surgiram abruptamente como as de Agostinho Lesage, um homem sem cultura, mas foram-se apresentando gradualmente, enxertando-se num temperamento intui-



Quadro executado em transe, com os olhos vendados, representando uma cidade de outro mundo.—  
Aguarela assinada por Crémone, — Dimensões: 50 x 90 cm — Medium Luigi Bellotti.

(Fotografia inédita tirada expressamente para a Revista de Espiritismo)

tivo e artístico, atingindo dentro em pouco as variadas modalidades que o notável médium teve a gentileza de descrever no artigo escrito para esta revista, com o título «As minhas mediunidades».

Que as suas tendências artísticas datam da mais tenra infância, prova-o a sua autobiografia que amavelmente acaba de nos ser enviada e que muito gostosamente transcrevemos:

«Nasci em Veneza em 24 de Outubro de 1896 (sábado) de pais para quem o escopo principal da vida foi o culto do estudo, da arte e da espiritualidade, ideais que eu sempre exclusivamente segui. No fim da minha infância atraiu-me a espiritualidade e, talvez por causa das minhas faculdades e dotes psico-físicos, se bem que ainda só fôsem latentes, tive sempre a visão da grande verdade. Iniciei os estudos clássicos para passar depois aos técnicos, mas os muitos objectivos para que me senti atraído não me permitiram determinar a verdadeira via a seguir. A arte em todas as suas manifestações me atraía, e, iniciado particularmente no estudo da música, entrei na Academia de Belas Artes de Veneza, dedicando-me sempre a outros estudos.

Enquanto freqüentava o curso da Academia para obter o diploma de professor de Architectura, tomei parte em muitas exposições de Arte pura e apli-

cada, com trabalhos executados com a técnica possível, gravura a água forte, painéis executados por um novo sistema, do qual tirei patente de invenção. Simultaneamente senti-me atraído para a composição musical, para a scenografia, para a poesia, para a literatura, e, seguindo os períodos de inspiração, produzi trabalhos em todos estes campos, não com o desejo do dilettante que se detém sem nunca concluir, diante da via que o atrai, mas cuidando sempre de aprofundar nas várias matérias, de produzir bem e de efectuar aquilo que a minha mente idealizava. A persistência e a força de vontade nunca me faltaram, e, sem tréguas, tendo o domínio de várias matérias, consegui aprofundar a minha actividade nos diversos campos.



Quadro executado em transe, em 20 minutos, com os olhos vendados e na presença de varias pessoas entre as quais a escritora inglesa Barbara Musgrave (vide «Light») — Aguarela assinada por Cabianca. — Medium Luigi Bellotti.

(Fotografia inédita tirada expressamente para a Revista de Espiritismo)

Manifestou-se sempre em mim a necessidade imperiosa, mais que o desejo, duma produção quasi enciclopédica. Fiz a reconstrução de episódios cinematográficos com a respectiva música, argumento, scenografia, costumes, particularidades, etc. Em todas as coisas, desejava que os acessórios inerentes fôsem produto da minha mente. Escrevi contos e novelas, melodramas, composições musicais e tive demonstrações pessoais pelos meus trabalhos; mas não me occuparei aqui a expô-los com particularidades porque dêles se occupou a imprensa na ocasião de triunfos, dons e recompensas, conferidos por personalidades e augustas personagens como Suas Magestades, o Rei, a Rainha Helena, a Rainha Mãe e o Príncipe Herdeiro, bem como do Instituto Veneziano das Sciências, Artes e Letras. Durante um ano fui cônsul propagandista da Associação de Professores de Nápoles, que depois interrompeu a sua actividade. O trabalho feito nesse cargo foi-me útil para o desenvolvimento da empreza que eu já pensava realizar. Adquirido o título de professor, segui o curso de trabalhos de architectura,

escrevi alguns livros sôbre história da Arte, entre os quais a história do Capitel nos estilos de todas as nações, volume ilustrado por mim com 400 gravuras e prefaciado por personalidades de renome. Prossegui nos estudos da aèrodinâmica que sempre me tinham atraído, conseguindo fazer algumas invenções aeronáuticas que registei, baseadas nos novos princípios (asa racional, freio aéreo, etc.). Entretanto as faculdades medianímicas, psicográficas e de clarividência, começaram a desenvolver-se, e, em 1923, tive os primeiros fenómenos importantes de apport, comunicações psicografadas e os primeiros entorpecimentos de origem astral. Desde aquela época ocupei-me sempre mais de espiritualismo, de ocultismo, de sciências esotéricas, de cosmogonia, de hiperfísica, de astrologia, qui-



O Calvário. — Quadro executado em transe, em duas horas, com os olhos vendados, e assinado por Galtano Previati. — Dimensões 50x90 cm. — Mèdium Luigi Bellotti

(Fotografia inédita tirada expressamente para a Revista de Espiritismo)

romância e todas as sciências afins. Comecei a colaborar nas principais revistas espiritualistas e a fazer experiências verificadas por várias personalidades, cujos resultados foram registados e descritos minuciosamente em muitas revistas e jornais italianos e estrangeiros.

Depois duma verdadeira peregrinação atravessei todos os campos das artes, das letras e das sciências, aos quais juntei o da espiritualidade e da grande Verdade. Agora estou fundando uma obra para a divulgação, afirmação e desenvolvimento do espiritualismo e para a espiritualização na sciência, nas letras e nas artes, fundação essa, « Domus Nostra », da qual a primeira actividade está já funcionando sob a minha direcção, e é a Casa Editora de Obras Espiritualistas « Leonardo de Vinci ». Diversas são as obras espiritualistas que há em preparação; entre elas acha-se no prelo o volume: « Para viajar em astral e desenvolver a Clarividência e as faculdades latentes ».

Tive a honra de ser nomeado sócio e membro honorário de muitas associações e academias italianas e estrangeiras; o meu único objectivo é o de levar a luz e o bem à humanidade sofredora, e de contribuir, ainda que modestamente, para a elevação espiritual de muitos irmãos que estão ainda nas trevas do êrro, levar a minha contribuição às sciências psíquicas, e, principalmente, chamar a atenção para uma classe que tem muita necessidade da nossa protec-

ção, daquela espécie de sêres que seguem a evolução humana e que é a martirizada classe dos nossos «irmãos inferiores». Fiz esta explicação porque me estou agora ocupando também da protecção dos animais, do naturismo e de tudo aquilo que possa melhorar, educar, enobrecer e elevar a alma, a mente e o coração, além dos trabalhos empreendidos de iniciação intelectual e iluminação espiritual».

Se não fôra a espontaneidade das manifestações mediúnicas do prof. Bellotti com provas inconcussas de identidade dos espíritos comunicantes, a sua objectividade e a sua rigorosa observação por experimentadores eminentes, não seria ilógico atribuir ao fundo subconsciente do médium todas



Desenho executado em transe, em um minuto e assinado por U. Moggioli. — Médium Luigi Bellotti.  
(Fotografia inédita tirada expressamente para a Revista de Espiritismo)

as suas produções, tendo em consideração o elevado grau de cultura que êle possui. Porém como em muitas delas, as manifestações revestiram aspectos individuais característicos de entidades desaparecidas do número dos vivos, não pode deixar de se lhe imputar a origem espírita dos fenómenos. Alguns dos seus melhores quadros obtidos psicograficamente, foram produzidos com os olhos vendados, o que faria, pelo menos, supôr, para os metapsiquistas animistas, que as suas faculdades transcendem muito as faculdades normais, usufruindo o médium, em transe, uma visão psíquica que lhe permita a execução de tão belos trabalhos. Como explicar, porém, os *apports* que aparecem em caixas lacradas, tendo alguns dêles, como o manuscrito reproduzido na «Crónica Estrangeira» do último número desta revista, caracteres inconfundíveis e próprios da personalidade de Napoleão?

Mais tarde ou mais cedo todos terão de reconhecer que as influências espirituais actuam, dum modo geral, poderosamente na vida individual e colectiva, originando extraordinariamente, quando encontram certos indivíduos particularmente dotados, manifestações que, pela sua importância, hão de recordar aos homens que a porta da felicidade só a abre a sua espiritualização e dignificação.

## Concurso de clarividência psicométrica

Conforme anunciámos vamos hoje iniciar um interessante concurso, dedicado aos nossos assinantes e sócios da Federação Espírita Portuguesa, em que a notabilíssima clarividente belga, M.<sup>me</sup> Lagrange, que na *Union Spirite Belge* tem maravilhado os freqüentadores das sessões de psicometria com as suas admiráveis faculdades psicométricas, se presta, desinteressada e gentilmente, a pôr à prova os seus preciosos dotes naturais.

Como, infelizmente, não conhecemos em Portugal qualquer clarividente notável a quem pudéssemos recorrer, e desejando realizar demonstrações práticas das faculdades supranormais, enquanto as condições financeiras da Federação Espírita Portuguesa e a sua instalação não forem de molde a permitir a vinda até nós dos médiuns estrangeiros mais célebres, resolvemos solicitar de M.<sup>me</sup> Lagrange, a quem esta Revista já tem feito referências, a análise psicométrica de 50 cartas.

Reproduzimos alguns períodos da carta que recebemos de M.<sup>me</sup> Lagrange, em que nos comunica a sua acedência ao nosso pedido, os quais podem esclarecer os nossos leitores sôbre a importância das condições em que se devem colocar no momento em que escreverem as frases que a hão-de guiar nas vias transcendentales do conhecimento supranormal:

*«Ficarei encantada se vos puder ser útil. As 50 cartas deverão ser metidas primeiro num pequeno envelope, muito bem fechado, e depois num segundo, a-fim-de as isolar bem. E' preciso que eu rasgue o primeiro envelope antes de chegar ao segundo que me põe assim em relação mais directa com a pessoa.*

*Outra coisa:— Sucede muitas vezes que o indivíduo que escreve, nesse momento, não pensa em si próprio, mas numa outra pessoa parente ou amigo, falecido ou não, conseguindo assim que a influência do espírito dessa segunda pessoa seja mais forte que a sua. Então, em vez de vêr a própria pessoa que escreve a carta, encontro-me em relação com esta outra entidade e quem me enviou a carta sujeita-se a uma decepção. Aqui, nas sessões, as pessoas que querem entrar em comunicação com esta entidade, deixam-me continuar; mas outras de-teem-me dizendo: — «Senhora, a pessoa que vêdes é minha mãe ou meu pai, ou um ou outro parente ou amigo». Tomo então outro envelope ou outro objecto, esperando que este espírito ou esta influência tenha dado lugar a outra que interesse mais a pessoa que me remete o objecto ou a carta.*

*Mas no vosso caso como proceder se me transvio numa pista que não interessa o signatário da carta? Se eu vejo, por exemplo, três caminhos a seguir quem me dirá qual devo tomar no interêsse da pessoa que escreveu?*

*Espero ter sido bastante clara nas minhas afirmações; pelo menos, desejo-o de todo o meu coração; e ficaria desolada se, no momento das respostas, houvesse o mais pequeno mal entendido. Faço-vos tôdas estas objecções a-fim-de que ninguém fique desiludido e sobretudo para advertir todos os 50 correspondentes de que aqueles cujas respostas não forem inteiramente relacionadas consigo próprios, devem procurar recordar-se das condições e ambiências em que se encontravam no momento em que escreveram a carta».*

Foram estas sugestões de M.<sup>me</sup> Lagrange que permitiram elaborar as condições do concurso que beneficiará 50 assinantes desta Revista sócios da Federação Espírita Portuguesa, escolhidos à sorte entre os que se inscreverem. Essas condições são as seguintes:

1.<sup>a</sup> — Todos os assinantes desta Revista que forem sócios da F. E. P.,

podem inscrever-se neste concurso para o que deverão fazer, por escrito, o seu pedido, dirigido à nossa Redacção, onde ficará registado com o respectivo número de ordem.

2.<sup>a</sup> — A inscrição de concorrentes termina no dia 30 de Junho, procedendo-se ao sorteio dos 50 contemplados nesse mesmo dia, na sede da F. E. P., às 14 horas.

3.<sup>a</sup> — Os 50 contemplados deverão escrever algumas frases, pelo seu próprio punho, impregnando o papel do seu fluido pessoal, por uma prolongada palpação, encerrando-o em seguida dentro dum envelope que fecham e encerram ainda dentro de outro, em branco e estampilhado para o estrangeiro. Estas cartas devem ser endereçadas à F. E. P. dentro dum terceiro envelope e acompanhadas doutras cartas devidamente lacradas e nas quais o concorrente fará uma descrição pormenorizada das condições em que escreveu a carta para o Concurso de clarividência, quais eram os seus pensamentos dominantes, a ambiência, etc., cartas estas que apenas serão abertas após o recebimento da resposta e na presença do concorrente que será avisado disso. Caso o concorrente não resida em Lisboa, deverá indicar uma pessoa idónea que o substitua e assista à abertura da sua carta lacrada.

4.<sup>a</sup> — Os 50 concorrentes ficam obrigados a fazer as suas declarações por escrito sobre a exactidão e verosimilhança das respostas, a fim de que os resultados destas experiências sejam escrupulosamente classificados e analisados, constituindo uma base séria para o estudo da clarividência psicométrica.

5.<sup>a</sup> — Tõda a correspondência sobre este concurso deverá indicar, no envelope: « *Concurso de Clarividência* ».

E' nosso desejo realizar novas experiências deste género com outros clarividentes célebres, de modo a conseguirmos uma estatística de factos que nos permita fazer uma análise comparada, absolutamente interessante sob o ponto de vista científico.



## CRÓNICA ESTRANGEIRA

**Lady Lodge** — Tendo a Federação Espirita Portuguesa apresentado a Sir Oliver Lodge a expressão dos seus sentimentos de carinho e afecto, no doloroso momento de separação da sua adorável esposa, companheira de 52 anos, Lady Mary F. A. Lodge, recebeu, como todos os amigos que lhe manifestaram a sua respeitosa simpatia, este comovente documento que é altamente edificante, por ser redigido por um dos mais ilustres sábios da actualidade:

« IN MEMORIAM — *Eu e minha família fomos cumulados de provas de amor e de afecto, vindas de tãda a parte. Coroas e flores, cartas e telegramas, chegaram em profusão; e o sentimento que os inspirou foi calorosamente acolhido. Nenhum de nós se lamenta indevidamente pela sua partida. Sabíamos como ela estava pronta para ir e também sabíamos como ela seria recebida ansiosa e ternamente quando chegasse o momento de se libertar. O período de enfraquecimento foi penoso para ela e nenhum de nós desejava prolongá-lo. A nossa fé na continuação da sua existência é absolutamente firme; nem uma sombra de dúvida a perturba. O funeral foi, na verdade, uma manifestação de reconhecimento por uma longa e benéfica vida, um fim calmo da doença e uma feliz reunião com os que a precederam.*

*Ela interessava-se antecipadamente pelos pormenores do funeral, pedindo que não fõsse triste, e desejava que fõssemos de casa à igreja, distante apenas de meia milha, cantando hinos escolhidos. O vigário de Wilsford, precedido pelas crianças da escola e pelas raparigas que formam o côro da igreja da aldeia, guiadas pela sua regente, conduzia a procissão. Seguiam-se os portadores do esquife, quatro dos quais eram criados e parentes da família. O caixão, de carvalho inglês despolido, estava*

envolvido num chale de sêda branca bordada, recordação de família, e uma placa de cobre tinha esta inscrição :

MARY FANNY ALEXANDER LODGE  
NASCIDA A 11 DE MARÇO DE 1831  
FALECIDA A 20 DE FEVEREIRO DE 1929  
JUNTOU-SE A RAYMOND E A VIOLET

O esquife estava coberto de flores. A igreja também estava cheia de coróas e a sepultura está agora cercada delas. O tempo estava quente e ameno, depois duma manhã desagradável e duma semana glacial. Não havia lágrimas, a-pesar-da inevitável angústia da separação temporal; o tom do serviço era de gratidão pela esperança certa e segura na immortalidade. Tudo foi feito segundo o seu desejo para mostrar aos aldeões que sômente o corpo carnal tinha sido confiado à terra, que ela própria ali estava em espirito e que era a alegria e não a tristeza que a auxiliaria a entrar numa esfera mais feliz. Ela apreciava particularmente estas linhas de Tennyson, no «Sábio Antigo» : «Detesto a sombria negação do esquife e desejo a morte, como mais feliz e mais elevada que a nossa sorte actual, como um degrau acima das nossas misérias. Podemos ir de branco para a cova ou para a cremação, entoando hinos de louvor à morte e coroando-a de flores».

Ela recitava, muitas vezes, versículos do *Psalmo XXIII* e «*Crossing the Bar*», à medida que enfraquecia e perdia as forças. Não temos presunção bastante para supor que o inefável encontro com o «Seu Piloto» tenha já tido lugar — tudo no seu devido tempo — mas sabemos e já fomos informados de que ela tinha recebido as saudações dos seus queridos filho e filha; e que podia enviar-nos uma mensagem evidente e característica antes de ir com êles repousar.

A sua vida foi duma nobre simplicidade e cheia de cuidados pelos outros; apagava-se e dedicava-se. A pintura a óleo foi o passatempo de toda a sua vida, mas teve de o sacrificar largamente aos cuidados de família; era maravilhosamente hábil para cuidar dos menores sofrimentos, conhecendo, por instinto, os remédios simples que podiam ser eficazes. Era uma Artista, sem conhecimento da Sciência, interessando-se, porém, pela vida de Pasteur. Durante os meses da sua doença, ainda pensava nos outros, cheia de amor por todos, e teve tempo de exprimir o que desejava se fizesse. Em resumo, ela fez o seu dever humilde e ternamente, e foi neste estado de vida que ela foi chamada. Tudo está bem».

A propósito, a «*International Psychic Gazette*» conta a história das primeiras mensagens de Raymond, o filho querido de sir Oliver Lodge, morto na guerra em 14 de Setembro de 1915, em Hooze Hill, durante um ataque do inimigo, que tiveram uma influência decisiva sôbre as convicções espiritualistas de Sir Oliver Lodge. Poucos dias depois da morte do filho, Lady Lodge acompanhava uma senhora francesa que tinha sido muito amável em Paris para as suas filhas, de Birmingham a Londres. Esta senhora estava profundamente desgostosa pela perda na guerra de ambos os seus filhos, no espaço de uma semana, e, para a confortar, Lady Lodge procurou encontrar-se em Londres com a sr.<sup>a</sup> Kennedy que lhe arranjou duas sessões com a sr.<sup>a</sup> Osborne Leonard. Ambas as senhoras esperavam anônimamente estas sessões e em ambas os filhos da senhora franceza se comunicaram.

Lady Lodge foi uma assistente silenciosa na primeira sessão, nada esperando para si. Porém Raymond, oito dias depois da morte, fez-lhe conhecer a sua presença, batendo pelas pancadas duma mesa a seguinte mensagem: *Diga ao pai que encontrei alguns dos seus amigos*». A mãe perguntou-lhe: Podes dar-me alguns nomes? «*Sim* — replicou o filho — *Myers*». Então Sir Oliver Lodge, informado dêste resultado, foi a Birmingham para ter uma sessão com o mesmo médium. Apresentou-se como um estranho. A sr.<sup>a</sup> Leonard caiu em transe e o seu guia descreveu um mancebo em termos tais que não era lícito duvidar que fôsse Raymond.

Então pai e filho conversaram, dizendo Raymond entre outras coisas, o seguinte: «*Há gente que pensa que eu digo que sou feliz para fazer os outros mais felizes; mas não é assim. Encontrei centenas de amigos, muitos dos quais me dizem que um pouco mais tarde me explicarão porque me estão ajudando. Sinto que achei agora dois pais. Não tenho a impressão de ter perdido um e ter achado outro. Tenho ambos*». (Referia-se a Myers).

Por intermédio da sr.<sup>a</sup> Vout Peters, um outro médium muito conhecido, recebia Lady Lodge três horas depois uma mensagem, característica de Myers, que o guia disse estar ajudando Raymond. Um mês depois Sir Oliver Lodge visitou também essa médium e Raymond, referindo-se ao auxilio de Myers, disse ao pai: «*Ele ajudou-me porque, por meio de vós, pôde destruir a muralha que se levantou. Mais tarde falareis ao mundo. Já está no programa e, por minha causa, vencereis a opposição. Fazei isso, pai, por amor de Deus!*

*Se pudésseis saber e ver o que eu vejo! Centenas de homens e mulheres com o coração despedaçado! Se pudésseis ver os rapazes empurrados para este lado, empregariêis toda a vossa força nesta obra».*

E foram estas as experiências que, por iniciativa de Lady Lodge, alargaram os horizontes de Sir Oliver persuadindo o seu coração e levando-o a «empregar todos os seus esforços nessa obra».

**Manifestação duma moribunda** — A «*Psychica*» narra no seu número de 15 de Abril, vários factos interessantes. Entre êles merece menção o seguinte, descrito por M.<sup>me</sup> V. Letoret.

*«Nós tínhamos em Soissons uma amiga, professora aposentada, de idéas espirituualistas. Ela tinha sido operada ultimamente, tendo-lhe sobrevivido complicações. Eu estava muito penalizada com isso e não tinha outras notícias. No domingo de manhã, fui acordada em sobressalto — no momento em que ouvia tocar para a missa das 6 horas — com a impressão (auditiva) dum formidável estalido de alto a baixo no meu guardavestidos.*

*Contei a meu marido e à criada de quarto e em todo o dia não pensei senão nisso, perguntado a mim própria que significação lhe devia dar. Hoje, 2.<sup>a</sup> feira, soubemos que a nossa amiga faleceu sem sofrimento no domingo de manhã, às 5 e meia. Penso que ela veio dizer-nos um último adeus e, sobretudo, provar-nos que a dúvida não é permitida a respeito das forças extra-terrestres. Eis porque, entristecida por esta morte imprevista, estou contente por causa desta manifestação que veio fortificar ainda mais a nossa crença na sobrevivência».*

Este facto corroborou uma afirmação por nós espendida várias vezes e que voltamos a repetir: Os fenómenos espiritas, perfeitamente comprovados, têm a mais decisiva influência no robustecimento da crença salvadora que há-de conduzir a humanidade aos seus altíssimos destinos.

**Uma previsão que salva um aviador** — O sr. Pascal Forthuny que faz em todos os números da «*International Psychic Gazette*» a narração de algumas das suas mais demonstrativas experiências de clarividência, conta no número de Abril uma interessante manifestação, que salvou talvez a vida a um aviador.

Estando uma tarde lanchando em casa dos seus amigos Manuel Marsons, na Praça Vendôme, a dona da casa deu-lhe à sobremesa uma carta, perguntando-lhe: «O que vos inspira esta carta?». A sua resposta foi:

*«E' uma carta dum homem que paira nas nuvens. E' um aviador... Robert... Dizei-lhe que não deve comprometer-se a nada com um homem cujo nome é Coste. Se o fizer succeder-lhe-há desgraça.»*

A sr.<sup>a</sup> Marson pegou na carta e imediatamente telefonou para o tal Robert, avisando-o da previsão do sr. Forthuny e perguntando-lhe se conhecia algum senhor Coste. A resposta foi a seguinte: «Certamente, e amanhã vou experimentar com êle um novo aeroplano em Bourget».

— Não faça isso — insistiu a sr.<sup>a</sup> Marson, aterrorizada.

Porém Robert riu-se e perante a insistência daquela senhora para se acautelar do perigo, que, segundo a vidência de Forthuny êle correria subindo em aeroplano com Coste, respondeu: «O vosso feiticeiro deve estar louco e eu subirei inevitavelmente amanhã com Coste». No dia seguinte os esposos Marson estavam anciosos e partiram no seu automóvel para o aerodromo de Bourget, na esperança de evitar alguma desgraça. Quando chegaram ao campo de aviação, acharam Robert esperando por Coste. Imploraram-lhe que não levasse por diante o seu projecto mas Robert riu, dizendo: «Aqui está Coste». Feitas as apresentações e os cumprimentos, Coste disse a Robert: «E' tempo, Vamos». Mas no momento decisivo, Robert viu os seus amigos tão seriamente preocupados que disse ao aviador que renunciava à intenção de voar com êle nessa manhã. Então Coste subiu sósinho para experimentar o novo aparelho.

Meia hora depois o aviador aterrou em Bourget e juntava-se a Robert e a Manuel Marsons, dizendo ao primeiro: «Sabes, meu velho, foi uma sorte não teres vindo. Houve um acidente. Não sei como isto succedeu; mas quando estava em pleno vôo, um dos tubos do óleo saltou fora e fendeu dum extremo ao outro o logar em que te terias sentado. Se me tivesses acompanhado terias ficado seriamente ferido». Ouvindo isto Robert virou-se para a sr.<sup>a</sup> Marson e disse: «Agora, começo a acreditar que tinheis razão quando me telefonastes ontem e não mais zombarei de qualquer aviso profético do vosso amigo claridente Forthuny».

E, efectivamente, os seus dons são tão extraordinários que devemos ter em grande conta as suas previsões. Por experiência própria o sabemos!

# VOZES DO ALÉM

(COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS)

Quem promete constitui dívida. Prometi que também te daria uma comunicação. Constitui-me, também nisso, teu devedor. Vou pagar para não acumular na minha dívida mais esta fracção. Que não solva para contigo o que não posso, terá desculpa; agora que me faça insolvente até naquilo em que me é tão fácil e até tão aprazível satisfazer, é que nada desculpará. Entre muitos assuntos, que disputam a minha atenção, quero escolher um que tenha alguma coisa de útil e de produtivo. Banal é tudo quanto se passa no mundo e com aqueles que ainda nele se encontram, para que os que já dele não são, venham com banalidades e bagatelas. A emancipação pela morte abre-nos vastos e infinitos horizontes novos, ao mesmo tempo que limita, e cerra até pontos de vista que supunhamos de uma vastidão sem fim e de uma grandeza absoluta. E' que o nosso modo de vêr na terra é tudo quanto há de mais falso e convencional. Não temos idéas absolutas. São tudo coisas relativas e pequenas. Tudo fantástico, como as vistas de um teatro. Olhadas á distância semelham castelos, jardins, mares sem fim, palácios encantados, dando-nos a sensação da maravilha e da verdade. Examinadas, tacteadas de perto, encham-nos de desolação e de tristeza, por conhecermos que são tudo míseras telas de papel ou de aniagem mal borradas de tintas grosseiras.

Fui um dos loucos, dos visionários, a quem a luz demasiada da ambição e da glória deslumbrou, provocando a fantástica ilusão da miragem. Desorientou-me e ceguei. Tudo que me cercava, tudo que via e ouvia, tudo que sonhava e aspirava, era illusório e falso. como europeus de histrião; e eu — ai de mim! — tomava tudo por verdadeiro e de valor real. Quando supuz despertar do delicioso sonho em que o meu orgulho e a minha vaidade me embalavam, senti-me pequeno e perdido. Então todo o meu sêr se revoltou. Achei fementido o riso da mulher em que supunha amor; achei banal a honra e o galardão em que distinguiam o acto da loucura generosa que me celebrizou; achei falsa a amizade dos que me estendiam os braços e me enalteciam valor; reconheci a inveja e a intriga contra mim daqueles que aparentemente me lisonjeavam; e vi a fragilidade do amparo, que eu supunha sólido e eterno, para os momentos dolorosos da tempestade, começada já a desencadear-se. E no meu íntimo senti uma grande onda de tédio pela vida, e por tudo de que ela se compõe. Tédio e pavor.

Ao mesmo tempo que me entediei, afligi-me por ver cair, em minha volta, tudo que me seduziu, tudo que amei, tudo que supunha me era devido por direito de conquista, e por direito da fôrça. Eu, que não tremi, quando no Kraal do Gungunhana, vi milhares de guerreiros, a quem um aceno faria precipitar sôbre mim e sôbre os meus queridos companheiros de glória ou de morte; eu, que nunca soube o que era medo em frente das carabinas e das azagaias das « mangas » de guerreiros africanos, senti-me covarde e fraco para me segurar no terreno escorregadio e falso, ricamente alcatifado, que pisava e para arrostar com as frases dubias, os sorrisos equívocos, as manifestações misteriosas e significativamente desdenhosas daqueles que pouco antes eram vulgares aduladores, ou, quem sabe, sinceros e amistosos admiradores meus. Quiz fugir. O ciúme, a inveja, a fraqueza, torturavam-me. O meu cérebro, a despeito da minha aparente serenidade, era um inferno! A cada momento surgia um expediente, um projecto, que era logo abandonado por outro tão ineficaz como ele. Em todos pensava, todos tentava, para evitar a deserção derradeira pela morte voluntária. Nenhum, porém, encontrei

que me parecesse mais digno e mais forte. Via que o meu ocaso chegava aceleradamente e não me sentia com forças para encarar com sangue frio e coragem a minha derrota. A audácia, que foi durante muito tempo a minha estrêla, desaparecera. Aterrorizei-me como uma criança.

O meu colossal orgulho apontava-me a Rocha Tarpeia em que eu ia tombar do Capitólio; e tôda a minha força restante, reunida, atingiu só à soma de energia necessária para liquidar, lógicamente, uma situação angustiosa para mim, e que estava sendo embaraçosa, e talvez embaraçosíssima, para alguém mais. Na minha saída inopinada do mundo, libertando-me de um sofrimento, que se me ia tornando intolerável, prestava ainda um serviço àquelas pessoas que, por bem justa gratidão, me mereciam êsse derradeiro serviço. Nem sempre vi como agora vejo. Já depois da minha morte terrena fui gravemente injusto e mau para quem só reconhecimento me merece. Disso me penitencio, especialmente perante aqueles deante de quem disse coisas bem condenáveis e bem dignas de execração!... Eram filhas da turbação e da dôr!... Mas, prosseguindo, direi que a morte violenta se me antolhava como liquidação forçada e única para passar à inactividade absoluta.

Dentro do meu íntimo eu não acreditava na sobrevivência à morte, de qualquer parcela do meu sêr. Matéria, só matéria, supunha eu; e à matéria volveria com umas gramas de chumbo através do meu cérebro. Puz por obra êste meu último plano de ataque; e, por bem ou mal meu, mais uma vez o êxito coroou a minha acção. Pum! Um tiro, e ficaria encerrada a página última do livro da minha vida. Supremo engano! Essa página voltava-se simplesmente; e na página seguinte encontravam-se as coisas mais pavorosas que imaginação alguma pode conceber! E eu, que queria desertar da refrega, ia cair em pleno arraial inimigo, cheio de mutilações e de sofrimentos horrorosos. Quando supunha chegar para mim o descanso, a morte trouxe-me o martírio indizível da prolongação da vida, na sua manifestação mais tormentosa! Apossou-se de mim o remorso mais terrível; e parece que todos os tormento, de ordem moral, consequência de uma vida de orgulho, de vaidade, de desregramento e de íntima negação vieram, como demónios fabulosos, gritar permanentemente, nas minhas malditas recordações, a inanidade da minha vontade, a improficuidade da minha acção; o êrro da minha descrença e a loucura do meu suicídio; ao mesmo tempo que a sensação da dôr física da hora extrema, se aferrava persistentemente ao meu cérebro, como se a bala que o atravessara não acabasse nunca a sua trajectória destruidora e terrível. Então eu, que queria fugir pela deserção da morte, do campo de batalha, onde me sentia vencido, entrava apavorado em fabuloso campo de desespero, para mim inteiramente inesperado; e no meu sêr, que eu sentia uno, íntegro e perfeito, revolteavam todas as dores morais que me haviam conduzido àquele acto de rematada loucura, agravadas pelo remorso do passado com a aflicção pelo desconhecido que via abrir-se deante de mim. Remorso do passado, de que supunha afastar-me e que, entretanto, continuava a queimar-me com ferro candente; aflicção pelo que o meu juízo entenebrecido antolhava para o meu futuro. Todos êsses tormentos eram requintadamente aumentados com o facto absolutamente inconcebível de eu continuar a sentir todos os sentimentos, *absolutamente todos*, que a loucura e a perversão haviam aninhado no meu coração em vida; e agora, sem a mais ligeira sombra de esperança na misericórdia e no perdão de quem eu quizesse ou pudesse ofender, ou tivesse ofendido. E morto, assistia ao fragor que a minha morte causou. Dava-me a impressão material do eco, infinitamente aumentado, a repercutir a detonação do tiro que aniquilara a minha vida carnal. Desvairado, perdido, aproveitando uma leveza e uma celeridade indizíveis e desconhecidas, corria vários sítios, apresentando-me, gritando aflito: «Estou vivo

e soffro; perdão, perdão!!!» Mas ninguém me ouvia e creio que ninguém me via. A aflicção não podia ser maior nem mais infernal! Sentia-me precito, perdido para sempre!

Piedosas criaturas procuravam serenar-me, chamar-me à razão e ao arrependimento. Eu blasfemava então como doido varrido. Maldizia todos. Crivava de pragas horrorosas aqueles a quem a minha fúria insensata culpava do suicídio, que me perdia sem remédio. Desconhecia ou queria desconhecer que o culpado fôra só eu, exclusivamente eu. Deixara-me dominar pelo orgulho e pela vaidade, obedecendo cega e passivamente a todas as sugestões que êles imprimiam no meu cérebro, de natural leviano e impressionável. Não tinha tido a fé e a paciência dos justos, que me permitiria encarar resignadamente todos os accidentes que poderiam ter acontecido, mas que também era provável não se terem dado nunca; e, por virtude disso, sentindo-me fraquejar, na convicção íntima do aniquilamento, proferi atirar-me cegamente para a escura garganta da morte, por modo tão trágico e tão romântico, como traço derradeiro e acentuadíssimo da minha personalidade terrena. Tudo isso eu via e sentia: tudo isso aparecia e desaparecia constantemente ante o meu juízo e o meu olhar espantado, enquanto a bala perfurava o meu cérebro dolorosamente, sem terminação, sem desfalecimento, sem uma suspensão de hostilidade e de martirio. Para mim não havia esperança de perdão, nem consolação possível. Assim passei eternidades, até que à Misericórdia Divina aprouve deixar entrar a luz do arrependimento e da resignação em minha alma enegrida; e a calma, o socêgo, foram entrando em mim como a claridade em um recinto escuro, filtrada por um interstício mal vedado. E na altura em que te falo, o Mousinho, o *grande* Mousinho, já não é o último dos soffredores. E' uma criatura conformada e humilde, sinceramente arrependida; quási curado dos corrosivos estragos feitos pelos ruins sentimentos que o animaram na terra, e inteiramente curado da ferida que a maldita bala fazia pavorosa e permanente.

Sereno te falo, amigo querido, a quem nem de vista conheci na terra; sereno te falo, e bem sabes como o que te digo é verdade. Esta serenidade, depois de tão prodigioso sofrimento e ainda mais prodigiosa e milagrosamente aliviado do que era merecido, habilita-me a dizer a todos os cérebros onde ainda possa caber um vislumbre de reflexão: — Acautelai-vos contra o orgulho. Ele faz amar a vaidade, a lisonja e a maldade; êle faz supôr a um pigmeu que é um titan fabuloso; e depois de ter conduzido aí a vida humana por veredas coalhadas de espinhos e de amarguras, precipita-a no Inferno, e não raro pela porta derradeira e mais tormentosa dessa pavorosa estância de Aquem Morte — a do suicídio. Peor do que o suicídio, friamente meditado como uma fuga covarde, há só uma coisa: — o suicídio friamente meditado como uma fuga covarde. E' possível que outras haja que o igualem na escala da maldade e do sofrimento; é possível; mas contra esta que bem conheço e que me perdeu, é que eu desejo pôr em defensiva quem tenha olhos para vêr e alma para sentir, e possa preadivinhar quanta verdade e quanta mágoa existe no que deixo dito. Abram bem os seus olhos, como se diz na obra de Júlio Verne; abram bem os seus olhos!

Hesitas em se deves publicar isto. E' da minha vontade que seja publicado. Os que acreditarem que é meu, compadecer-se-hão de mim. Os que não acreditarem, dirão: — podia bem ser dêle... E isto basta. E' a dúvida no seu espírito; é o interstício mal vedado que deixará entrar a luz possível na escuridão das suas almas.

MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

## BIBLIOGRAFIA

«**A ceux qui souffrent**» pelo Dr. Leon Wauty. Editions Jean Meyer Paris: 5 francos.

Num pequeno volume de 100 páginas o Dr. Leon Wauty sintetiza, com uma admirável clareza, as consoladoras doutrinas do Espiritualismo moderno, levando o suave bálsamo da esperança a todas as almas sofredoras às quais o livro é dedicado. As leis fundamentais que regem a evolução do espírito humano são focadas com particular relêvo, constituindo êste belo livro um trabalho de divulgação e propaganda que exalta os sentimentos nobres e elevados, fazendo compreender a indefectível justiça que preside a todas as situações da existência como conseqüências fatais de infracção das leis divinas.

Escrito por um homem de ciência, autor duma obra notável, intitulada «*Sciência e Espiritismo*», êste livro, pelos seus comentários e conclusões, levará a todos os seus leitores, mesmo aos mais reservados e hesitantes, um grande lenitivo para as suas dores, visto que o seu autor alcançou, pela sua experiência e conhecimentos, a autoridade que impõe ao respeito as suas afirmações.

«**Dicionário de Metapsíquica e Espiritismo**», por D. Quintin Lopez Gomez. Edição de Editorial Maucci — Barcelona: 7 pesetas.

Depois de ter compilado um glossário, o grande mestre do espiritismo espanhol, D. Quintin Lopez Gomez, reuniu em uma obra de maior fôlego, profusamente ilustrada e que por isso mesmo se torna altamente elucidativa, uma colecção muito completa das numerosíssimas palavras mais modernamente usadas por vários autores metapsiquistas.

Em metapsíquica, especialmente houve a criação de inúmeros neologismos, segundo as concepções particulares de cada autor que se tornam por vezes incompreensíveis para aqueles que desejem estudar esta ciência e por isso tornava-se muito necessário um dicionário que englobasse todos esses termos invulgares. Foi o que fez com a proficiência que todos lhe reconhecem o sr. D. Quintin Lopez Gomez, produzindo a mais completa obra conhecida no género, não só pelo número de vocábulos, como pelos comentários e excertos que a propósito de cada vocábulo êle reproduz, definindo claramente o pensamento do autor que o criou.

E' uma bela obra que deve figurar em todas as estantes dos estudiosos.

**Contos maravilhosos**, pelo Dr. A. A. Martins Velho. Edição da Livraria Clássica

Editora, Praça dos Restauradores 17—Lisboa.

A actividade prodigiosa do venerando Presidente da Federação Espírita Portuguesa, Dr. Afonso Acácio Martins Velho, não lhe consentia, a-pesar da sua avançada idade e da grave doença que o atingiu, deixar de aplicar-se à divulgação das verdades espirituais que empolgaram tôda a sua vida; e assim é que vemos aparecer a sua última obra, um livro de contos, todos impregnados de intenso espiritualismo. Decorrem todos num ambiente calmo em que os sentimentos puros que animam os seus personagens são postos em evidência sem grandes conflitos e enquadrados num cenário aprazível dum céu sem nuvens, descrito em alguns dêles com um fino recorte literário.

Para aqueles que apreciam a leitura amena e instrutiva, em que incidentalmente são descritos os fenómenos psíquicos, é uma obra recomendável.

**Resenha dos trabalhos do Conselho Federativo da Federação Espírita Brasileira** — Edição da Federação Espírita Brasileira, Avenida Passos, 28 — Rio de Janeiro.

O relatório dos importantíssimos trabalhos apresentados à primeira sessão do Conselho Federativo da Federação Espírita Brasileira é um documento de grande valor porque contém as vinte e uma teses discutidas e apresentadas pelas associações filiadas na Federação Espírita Brasileira que se fizeram representar nesta importante reunião. Entre os trabalhos apresentados, alguns com sugestões dignas da mais criteriosa ponderação, é justo destacar a décima oitava tese de nosso Confrade sr. Manuel Quintão, actual Presidente da Federação Espírita Brasileira e Director de «*O Reformador*» que se acha valorizado com a citação de factos concretos sôbre que apoia as suas admiráveis e bem deduzidas conclusões, para demonstrar que a mediunidade curativa tem tido no Brasil a mais decisiva influência na propaganda da doutrina espírita. Estes factos merecem, pela sua importância, uma referência especial que não deixaremos de lhes fazer, oportunamente, na secção própria.

Felicitemos a Federação Espírita Brasileira pela publicação de tão importante documento que vem comprovar mais uma vez a acção inteligente e bem orientada desta importantíssima colectividade a que estamos ligados pelos mais estreitos laços de amizade e confraternização, não podendo deixar de pôr em relêvo o trabalho honesto do ilustre compilador dêste livro, sr. Dr. Luis Olimpio Guillon Ribeiro, que é digno dos mais encomiásticos louvores.

# NOTICIÁRIO

**Comissões Federativas de Propaganda Espírita** — E' com subido prazer que registamos hoje a constituição de novas Comissões Federativas que são a base indispensável da nossa organização, permitindo intensificar grandemente a propaganda do Espiritismo em Portugal, Ilhas e Colónias.

Estas Comissões ficaram assim constituídas:

**Pôrto** — Presidente, Dr. Joaquim Dá Mesquita Paul, médico; Vice-presidente, Prof. Dr. Artur Gonzalez Medina, bacharel; Secretário, António Dias, guarda-livros; Vogais: Dr. Amilcar de Sousa, médico; Dr. Vergílio Marques Guedes, médico; António Duarte de Almeida Veiga; Adrião António da Fonseca; Hugo Amilcar de Freitas Rocha; Anibal Lopes; António Sardinha; Raul António de Pinho.

**Figueira da Foz** — Presidente, Bento Afonso; Vice-Presidente, Francisco José da Cunha; Secretário, Adriano Alves Santiago; Tesoureiro, José António de Almeida; Vogais: D. Licinia Leite da Silva, professora; D. Conceição de Almeida; D. Adelaide Mercês da Cunha; Manuel da Cunha Matos; Bernardino Sena Cardoso, farmacêutico; Joaquim Anjos Pedro; Luís Esteves.

**Chaves** — Presidente, António dos Santos Peixe; Vice-presidente, António da Silva Guimarães; Secretário João Alves Dias; Vogais: Armando Leão, Mário Alves de Nobrega.

**Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P.** — Na sede da F. E. P. realizaram-se nos últimos dois meses as seguintes conferências doutrinárias e sessões experimentais:

**Abril:**

Dia 7 — Sob a presidência do sr. Aires Vaz Raposo, realizou-se a conferência «*Conehecimento Supranormal*» — António L. Vilela.

Dia 14 — Sessão experimental. Director: Dr. António J. Freire; médiuns, J. P. L. e I. F.

Dia 21 — Sob a presidência do sr. Coronel José Augusto Faure da Rosa, realizou-se a Conferência «*Solidariedade social e fraternidade cristã; suas características diferenciadas*». — D. Maria O'Neill.

Dia 28 — Sessão experimental. Director: Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa; médiuns: J. P. L. e I. F.

**Maio:**

Dia 5 — Sob a presidência do sr. Co-

mandante José Freire Grainha realizou-se a conferência: «*Processos de evolução espiritual*» — Dr. António J. Freire.

Dia 12 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns: J. P. L. e I. F.

Dia 19 — Sob a presidência da sr.<sup>a</sup> D. Quintina do Carmo Sales e Silva, realizou-se a conferência «*A orientação da propaganda do Espiritismo não pode deixar de ter carácter científico*» — Dr. António J. Freire.

Dia 26 — Sessão experimental. Director: António L. Vilela; médiuns: J. P. L. e I. F.

**Serões de arte** — Nas noites de quinta-feira tem continuado a realizar-se interessantes festas de confraternização, cujo programa é constituído por palestras sobre arte, recitações de poesias, música e canto. As palestras tem sido feitas pelos nossos pre-sados Confrades srs. D. Maria O'Neill, Capitão Arnaldo Gomes Duarte e Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa.

Nos números de música tem colaborado gentilmente as distintas pianistas senhoras D. Ilda Cardoso e D. Lina Cardoso que tem executado brilhantemente alguns trechos de técnica difícil de Beethoven, Wagner, Schumann, Liszt, tendo falado sobre estes compositores, e a propósito dos trechos executados, o sr. António L. Vilela.

**Conferência espírita no Barreiro** — Como noticiámos no último número desta Revista, realizou uma conferência de propaganda espírita naquela laboriosa vila, subordinada ao tema — «*Influência Social do Espiritismo*» — o nosso Confrade sr. Dr. António J. Freire.

Transcrevemos, neste sentido, as referências feitas no jornal «*Eco do Barreiro*» de 1 de Abril p. passado:

«*Realizou-se na noite de 22 do mês findo, no Cine-Teatro desta vila, uma conferência de propaganda espírita, promovida pela Comissão Federativa do Barreiro.*

*Pouco depois da hora anunciada — 20 horas — apareceu no palco o Sr. Tenente António Augusto Roque, agradecendo a comparação dos presentes e proferindo algumas palavras sobre o tema que ia ser versado por pessoa competente, terminando por convidar para presidir à sessão o Sr. Dr. Magalhães e Meneses e para secretariar os Srs. Comandante Crispim Alfredo Alves e Joaquim Marques Quintela da Paixão. Constituída assim a mesa, o Sr. presidente, após ter aberto a sessão, produziu algumas palavras de elogio ao ilustre conferente, fazendo a*

sua apresentação, e dando-lhe em seguida a palavra.

O conferente, Sr. Dr. António Freire, falou mais de duas horas para uma assembleia, na sua grande maioria descrente das doutrinas expostas, não deixando, por isso, de ser ouvido com a maior das atenções.

Orador fluente e profundo, o distinto conferencista prendeu, durante todo esse tempo a assistência com o brilhantismo das exposições feitas, reveladoras de grandes conhecimentos da sciência que lhe serviu de tema.

A Redacção do Eco do Barreiro agradece a gentileza do convite que lhe foi endereçado ».

**Centro Espirita do Pôrto** — Este importante núcleo espirita da capital do norte, que aguarda a aprovação dos seus estatutos para se filiar na nossa Federação, comemorou solenemente o seu primeiro aniversário, tendo sido descerrado nessa ocasião o retrato do nosso dedicado Confrade sr. Claudino da Silva Neto, valoroso propagandista falecido há 34 anos.

A Assembleia Geral dêste Centro nomeou os corpos gerentes para o corrente ano, os quais ficaram assim constituídos :

**Direcção** — Presidente, Anibal dos Santos Lopes; Vice-presidente, António Manuel Gonçalves; 1.º Secretário, Mário Ferreira de Barros Cruz; 2.º Secretário, Albino José de Sousa Prado; Tesoureiro, António Videira; Vogal, Francisco Pereira Alves.

**Assembleia Geral** — Presidente, Manuel Mendes Júnior; 1.º Secretário, Júlio dos Santos Pereira; 2.º Secretário, Manuel Ribeiro da Silva.

**Conselho Fiscal** — Presidente, Fabricio de Sousa Prado; 1.º Secretário, António Alberto Lima; 2.º Secretário, António Isidoro.

Enviando as nossas fraternais saudações aos novos corpos gerentes do Centro Espirita do Pôrto, fazemos votos a Deus pelas suas muitas prosperidades.

**União Espirita Alentejana** — Continuam os trabalhos de organização dêste importante núcleo espirita que esperamos ver ultimados dentro em breve, com feliz êxito, graças à tenacidade, perseverança e espírito de sacrificio dos nossos dedicados confrades do Alentejo.

Do nosso prezado colega «Voz do Além» órgão do Centro Espirita «Reflexos da Verdade» de Beja, que tão activamente tem pugnado pela realização dêste notável empreendimento, transcrevemos o seguinte :

« Já se encontram em nosso poder os boletins do recenseamento espirita das seguintes localidades :

Alandroal, Aljustrel, Amareleja, Póvoa, Sobral d'Adiça, Castro Verde, Santa Barbara de Padrões, Cuba, Vila Ruiva,

Vila Alva, Extremoz, Vendas Novas, Moura, Montemor-o-Novo, Portel, Reguengos de Monsaraz e Ficalho.

Estamos envidando os nossos esforços no sentido de se fazer o recenseamento em Evora, Vila de Frades, Vidigueira, Viana do Alentejo, Brinches, Albernôa, Arraiolos, Odemira, Beringel, Serpa, Mertola, etc.

A todos os nossos confrades a quem, para este efeito, temos enviado boletins, muito agradecemos o favor de não demorarem a sua devolução, devidamente preenchidos ».

**Centro Espirita de Leiria** — Este Centro tem continuado a realizar, na sua sede, sessões públicas experimentais cuja concorrência aumenta dia a dia em virtude do extraordinário interesse que estão despertando os seus trabalhos.

**Transcrições** — Teem transcrito artigos desta Revista alguns jornais diários brasileiros como «O Imparcial» e «Pacotilha» de S. Luís, Maranhão, honra que muito nos desvanece. Também nos teem honrado com as suas transcrições, alguns colegas da imprensa espirita estrangeira, determinadamente «La Luz del Porvenir», órgão da Federação Espirita Espanhola; «O Reformador», órgão da Federação Espirita Brasileira; «Revista Espirita do Brasil», órgão da Liga Espirita do Brasil; «A Revelação», órgão da Federação Espirita Paraense; «Jornal Espirita», de Pôrto Alegre; «A Luz», de Maceió.

A todos agradecemos a gentileza com que nos teem distinguido e as amáveis referências com que por vezes acompanham as suas transcrições.

« **A Aurora** » — Completou mais um glorioso aniversário êste interessante jornal espirita que desde Maio de 1912 vem fazendo larga sementeira do nosso ideal, na grande República irmã.

Ao seu ilustre Director sr. Inácio Bittencourt, exemplo vivo de dedicação, tenacidade e perseverança, apresentamos as nossas fraternais saudações com sinceros votos de longa vida e muitas prosperidades para o seu brilhante quinzenário, que muito honra a imprensa espirita do Brasil.

**Federação Espirita Portuguesa** — Sob esta epigrafe transcrevemos do nosso colega «Voz do Além», de Beja, o seguinte :

« A actividade desenvolvida pela Federação nestes últimos tempos é deveras apreciável, deixando-nos muito bem impressionados pelos esforços que, em prol da propaganda, êste organismo vem empregando. Assim, teem-se realizado bastantes conferências públicas nas suas salas, sob temas interessantissimos, decorrendo

os trabalhos práticos com muita regularidade.

Tabalha com afinco para a breve construção do edificio para a sua sede, tendo o Conselho Superior Deliberativo tomado ultimamente resoluções atinentes à rápida realização dessa obra grandiosa. A subscrição para a Sede da F. E. P. continua a aumentar contando já um total de 41.470\$00.

Bem hajam os dedicados confrades de Lisboa, e que todos os Grupos Espiritas do Paiz saibam corresponder ao seu esforço e boa vontade, prestando-lhes dedicado auxilio moral e material.

**Propaganda Espirita** — Por iniciativa e convite da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, secundada pelos Centros Espiritas de Coimbra e da Figueira da Foz, realizou, em abril próximo passado, uma série de conferências naquelas cidades, o sr. Dr. António J. Freire, subordinadas aos temas: «*O Espiritismo e a Evolução Religiosa*»; «*A Evolução como principio fundamental do Espiritismo*»; «*Alguns Aspectos Sociais do Espiritismo*». Além destas conferências públicas, aquele nosso Confrade realizou também várias conferências nas sedes dos principais Centros e Grupos Espiritas daquelas cidades, tendo sido incumbido pela Direcção da Federação Espirita Portuguesa, na qualidade de seu Delegado, de apresentar os seus sentimentos de saudação e de confraternização às respectivas Comissões Federativas e aos Confrades daquelas cidades.

Transcrevemos com grato reconhecimento, algumas referências feitas por vários jornais sobre esta viagem de propaganda:

De — «*A Voz da Justiça*» — da Figueira da Foz, de 17 de Abril:

**Uma conferência espirita** — *O Teatro Peninsular quasi se encheu no domingo à tarde. Estava anunciada uma conferência espirita e, como o assunto, pela novidade que revelava no nosso meio, despertasse curiosidade, aquela conferência justificava-se. Muitas pessoas haviam sido, ainda, movidas pelo interesse especial de ouvir o sr. dr. António Freire, espirito culto que versa apaixonadamente e superiormente todos os aspectos da sciência espirita.*

*Apresentou o conferente o sr. dr. Ernesto Tomé. Afirmou que o sr. dr. António Freire, que aliás não carecia apresentação, ia, com a sua palavra eloquente e autorizada, justificar o interesse que todos tinham em ouvi-lo. Convidou a presidir o sr. António Alves Granadeiro, Presidente do Centro Espirita de Coimbra que, por seu turno, nomeou seus secretários os srs. José António de Almeida e Luís Esteves. Após as palavras da praxe pronunciadas pelo sr. presidente da mesa, o sr. dr. António Freire, que foi muito*

*saudado pela assistência, começou a falar. O que ia fazer? Tratar de alguns aspectos sociais do espiritismo. E logo o illustre conferente, pela persuasão da sua palavra fácil consegue prender-nos a atenção.*

*No âmbito reduzido a que temos de sujeitar esta nota, não podemos dar mais do que uma síntese breve da interessante e extensa conferência.*

*Começou o sr. dr. António Freire por fazer um estudo critico comparativo dos principais ciclos religiosos através da história da civilização da Humanidade, descrevendo os motivos determinantes que impediram se realizassem as tentativas dum sincretismo religioso promovidas pela escola neo-platónica de Alexandria e do imperador Juliano. Em seguida analisou as mais fortes correntes filosóficas que orientam o pensamento científico contemporâneo, demonstrando a insubsistência do materialismo e do positivismo perante a explicação racional dos fenómenos psicológicos que vão da memória à imaginação criadora, irreductíveis à concepção materialista, assim como toda a complexa e multiforme fenomenologia supranormal do espiritismo e da metapsiquica, desde a telepatia e da metagnomia à ectoplasmia, que em breve serão enquadradas na sciência oficial como factos incontrovertidos, comprovados pelo método positivo experimental por sábios de renome mundial, como os eminentes professores: sir Oliver Lodge, Barret, Wallace, Osty, etc.*

*O illustre conferente, animando cada vez mais a palavra, historiou a evolução do espiritismo, apreciando-o no seu quadruplo aspecto: científico, filosófico, moral e social, considerando esta corrente neo-espiritualista como a mais formidável e lógica reacção contra a fé passiva e dogmática da igreja romana que só gera escravos e fanáticos, muito tendo concorrido como infiel detentora dos principios cristãos para o descalabro social, contrastando com o espiritismo, que proclama à face dos seus principios básicos a fé livre e raciocinada, libertando-nos de todas as superstições e dogmatismos clericais, demonstrando quanto teem sido perniciosos para o progresso da Humanidade os erros crassos alimentados pela igreja católica do antropomorfismo, do antropocentrismo, da graça, da predestinação, do inferno e do traducionismo, blasfematórias do alto conceito da Divindade e incompatíveis com a dignidade da razão e do progresso humano, coartando os mais admiráveis surtos da sciência e da liberdade do pensamento.*

*Apreciando o estado actual da sociedade, o sr. dr. António Freire fez ressaltar na mais flagrante evidência o desequilibrio entre o extraordinário desenvolvei-*

mento intelectual e científico da sociedade contemporânea contrastando com um torturante e deprimente retrocesso moral expresso no mais feroz utilitarismo, lógica resultante do egoísmo e vaidade que avassalam e calcinam a alma humana.

Se a ciência, pelo sortilégio do seu prestígio dominante e pelo descomunal conjunto de fecundas descobertas pode unir cerebralmente a Humanidade, é à aplicação da Lei Aurea do duplo amor de Cristo, na sua máxima expressão de resgate e de renúncia, que compete ligar a Humanidade pelo coração e pelo sentimento no seu mais alto significado de Fraternidade humana, porque, sejam quais forem as oscilações da moral, esta só tomará um aspecto lógico e racional quando se harmonizar com a finalidade humana, que vai muito além dos mesquinhos limites que vão do berço ao túmulo. A sobrevivência da alma humana é hoje um facto comprovado pela fenomenologia espirita.

O orador, sempre dominado por uma força de eloqüente persuasão, faz agora uma longa e pormenorizada descrição da estrutura e funcionamento da alma humana à face das modernas experiências dos sábios investigadores: dr. Baraduc, coronel Rochas d'Aiglun, Zagla, Lefranc, Charles Lancelin, etc., expondo o mecanismo dos principais departamentos psíquicos e anímicos, nos domínios emocional, mental, volitivo e consciencial, constituindo uma neo-biologia suprasensível, em que o corpo físico é apenas o envólucro e instrumento passivo da alma humana, de duração efémera e transitória no plano material.

Espraiou-se ainda sobre a fraternidade humana à face do espiritismo, dando grande desenvolvimento à lei da evolução espiritual e às leis subsidiárias do reincarnacionismo e do Karma, pondo em relevo o seu alto significado social pelo conhecimento do seu mecanismo e interdependência, cujo pleno conhecimento será um factor decisivo para a regeneração e espiritualização da sociedade contemporânea, desenvolvendo as provas experimentais e morais que regem e condicionam estes princípios básicos do espiritismo e que, conjuntamente com a intercomunicação dos incarnados com os desincarnados, constituem a coluna vertebral da doutrina espirita.

As últimas palavras do sr. dr. António Freire foram abafadas por uma demorada ovação. Durante duas horas conseguiu s. ex.<sup>a</sup> manter o interesse do público preso à sua palavra fluente e superior.

O sr. dr. António Freire ainda realizou no domingo à noite, nesta cidade, uma longa palestra no Centro Espirita.

Na segunda feira de manhã seguiu

para Coimbra, onde falou sobre «A Evolução como base fundamental do Espiritismo». E ontem, no Porto, em palestra pública, o sr. dr. Freire devia ter falado sobre «A evolução religiosa e o Espiritismo».

Transcrevemos do jornal — «O Despertar» — de Coimbra, de 25 de Maio:

**Conferência espirita** — Promovida pela Federação Espirita Portuguesa, realizou-se na sede do Sport Club Conimbricense uma interessante conferência, que teve a escutá-la uma selecta e numerosa assistência, a que concorreram muitas senhoras, dando à sala um aspecto de familiaridade espiritual, que, de certo modo, distinguiu aquela assistência por uma satisfação comunicativa entre todos os presentes.

Parece-me que o assunto, por ter a sua novidade para muita gente, tem algo de atraente e esperançoso por ser ditado pela ciência, embora constitua uma nova crença com ramificações no passado, é hoje baseada em estudos e experiências, que grandes sábios vão constatando em livros que muito elucidam os seus leitores.

Foram as grandes investigações, produzidas em quantos laboratórios a inteligência humana pode verificar a verdade, que conduziram à conclusão das crenças que hoje formam o espiritismo como base de uma nova religião, que assenta em princípios completamente diferentes dos basilares de todas as religiões reveladas e que na sua maioria apenas conteem a essência do predomínio social, semelhante ao do político ou do feudalismo que absorveu poderes que humanamente representam uma extorsão iníqua e disparatada perante os direitos legítimos de toda a família humana.

Foi conferente o sr. dr. António J. Freire, que, depois de uma condigna apresentação feita pelo sr. dr. Gomes, dissertou largamente pelo espaço de duas horas, sobre vários pontos em que assentam as bases das suas doutrinas espiritistas.

Ao terminar foi alvo de uma calorosa salva de palmas tributada pela assistência que assim manifestou o seu completo aplauso às ideias expostas.

**Federação Espirita Brasileira** — A Federação Espirita Brasileira, que tão brilhante e activamente tem contribuído para a divulgação e prestígio do Espiritismo na grande República irmã, reuniu a sua Assembleia Deliberativa a qual nomeou a sua nova Direcção que ficou assim constituída: Presidente, Manuel Quintão; Vice-presidente, Carlos Imbassahy; 1.º Secretário, Francisco Carvalho; 2.º Secretário, Luís Olympio Guillon Ribeiro (reeleito); Tesoureiro, Joaquim Alves Cardoso (reeleito); Procurador, Manuel Jorge Gaio (reeleito); Director da Assistência aos Necessitados,

João Luís de Paiva Júnior (reeleito); Administrador da Livraria, António Alves da Fonseca (reeleito); Gerente do «*Reformador*» José Vaz de Carvalho; Comissão de Contas: Francisco Vieira Paim Pamplona, Luís Barreto Alves Ferreira e Custódio Gama Belchior.

Aos ilustres Confrades, que tão excelentes provas têm dado já da sua extrêna dedicação ao Ideal que propagamos e defendemos, enviamos os nossos fraternais cumprimentos fazendo votos a Deus pelas crescentes prosperidades da colectividade que foram chamados a dirigir.

○ **Espiritismo no Brazil** — O *Abrigo Tereza de Jesus*, a admirável obra de beneficência que muito honra os espiritas do Brazil, comemorou solenemente o seu primeiro aniversário, tendo feito o discurso de abertura o seu ilustre presidente sr. Costa Alecrim.

Em seguida o professor Ferreira Lima procedeu à distribuição de prémios pelas alunas melhor classificadas, e mais bem comportadas depois do que se desenrolou o extenso e interessante programa que em todos deixou as mais indeléveis impressões pelo cunho de beleza que revestiu e onde a Arte e o Amor tão intimamente se uniram.

— Ingressou no seio da F. E. B. o «*Centro de Estudos Espiriticos*» de Rio de Janeiro, tomando o número de ordem 116.

Por iniciativa do *Grupo Espirita Rousstaing*, de Belém, Pará, superiormente dirigido pelos nossos dedicados Confrades srs. Rafael Fernandes de Oliveira Gomes, e Lino Iatarola, vai ser publicado um interessante livro mediúnico atribuído a Guerra Junqueiro e intitulado — «*Rimas d'Além Túmulo*».

○ **Espiritismo em Espanha** — No Ateu de Lérida realizou, o consagrado escritor espanhol sr. Dr. Humberto Torres, duas notáveis conferências em resposta às que fez o jesuíta Padre Palmés, conseguindo um sucesso brilhante e sendo muito felicitado pela numerosa assistência.

— Sob a presidência do professor Asmara, ilustre presidente da F. E. E., realizou-se no Centro E. P. de Sabadell uma interessante conferência sob o tema «*Sobrevivência Humana*», sendo conferente o sr. Dr. Humberto Torres.

○ **Espiritismo na Bélgica** — Na sede da Federação Espirita de Liège têm continuado a efectuar-se as conferências semanais onde são desenvolvidos temas sugestivos e de palpitante interêsse. As últimas conferências realizadas foram as seguintes:

«*O Espiritualismo experimental*» — M. J. Lambert.

«*Considerações sobre a mediunidade*» — M. Cabolet.

«*Em procura duma moral*» — M. Derache, professor da Escola Normal.

«*Livre arbitrio e determinismo*» — M. Jaques.

«*O Espiritismo no Antigo Egipto*» — M. Salechi, licenciado em letras.

«*A Biblia na India*» — M. Bieva.

«*Através do Céu estrelado*» — M. Lhomme, director da «*Revue Spirite Belge*».

«*O Homem no Universo*» — M.<sup>me</sup> Lhomme.

○ **Espiritismo na Argentina** — A *Confederación Espiritista Argentina* comemorou solenemente o seu 13.<sup>o</sup> aniversário, tendo feito um notável discurso o seu ilustre presidente sr. Manio Ribaldini, que ao terminar recebeu uma carinhosa e prolongada ovação.

— A *Sociedad Espiritista «Constancia»* cujo órgão oficial é a interessante revista semanal «*Constancia*» realizou uma festa comemorativa do seu 53.<sup>o</sup> aniversário que decorreu com grande brilhantismo, tendo pronunciado um eloquente discurso o seu presidente sr. Francisco Durand.

— No salão de «*Constancia*» realizaram-se ultimamente as seguintes conferências: «*A mediunidade de Margery; as impressões digitais*» — Manio Ribaldini.

«*A Fraternidade como expressão de harmonia universal*» — T. Ortubia Rovira.

○ **Espiritismo na Alemanha** — As investigações metapsíquicas estão tomando na Alemanha um incremento prodigioso, como refere o interessante jornal *Zeitschrift für Psychische Farschung*. A' frente dêste auspicioso movimento encontra-se o eminente professor da Universidade de Leipzig, Dr. Hans Driesch.

○ **Espiritismo em França** — Na *Malson des Spirites* têm continuado a realizar-se conferências públicas, muito concorridas e apreciadas, tanto pelo interêsse dos assuntos desenvolvidos como pelo valor dos conferencistas. As últimas conferências realizadas foram as seguintes:

«*A Alma em procura do seu destino*» — M. Sage.

«*As Maravilhas da Astronomia*» (com projecções) — Dr. Morice.

«*As Taras da Humanidade*» — Engenheiro Andry-Bourgeois.

«*A Reincarnação perante a Consciência moderna*» — M. Wietrich.

— A *Union Spiritualiste du Sud-Ouest* promoveu, em Bordeus, uma interessante conferência por M. Léglu que desenvolveu o tema «*Premonições*», tendo sido muito aplaudido.

## Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para a construção de edificio próprio)

**Transporte — 55.711\$00;** — LISBOA: Celestino António da Mata — 10\$00; Candi-  
do L. da Cunha — 120\$00; Sócio n.º 651 — 50\$00; Manuel Nunes — 100\$00; António Lopes  
Santos — 50\$00; Júlio C. da Rocha Gaspar — 25\$00; D. Ermelinda C. Cardoso Alves —  
100\$00; D. Maria Aparicio — 100\$00; A. R. — 20\$00; António dos Santos — 200\$00; Antó-  
nio Barbosa — 100\$00; Joaquim Francisco Bispo — 30\$00; Henrique A. Constant — 19\$50;  
José J. Gaita — 25\$00; I. S. — 100\$00; Joaquim da Fonseca Ribeiro — 50\$00; B. C. —  
1.000\$00; António José de Carvalho — 10\$00. FARO: F. M. Paula Fernandes — 100\$00.  
ENVENDOS: José Sabino — 31\$00; António M. Torres — 5\$00; Manuel P. Sabino — 2\$50;  
António P. Martins — 1\$00; ALANDROAL: Carlos Alberto Fernandes — 50\$00. CARCA-  
VELOS: Serafim P. Pinto Aparicio — 50\$00; CASEVEL: Manuel Revez Silva — 5\$00. AL-  
CACER DO SAL: F. T. — 200\$00; BRAGA: José L. Gomes de Matos — 100\$00; NAZA-  
RETH — Laureano Gonçalves — 50\$00; CALDAS DA RAINHA — João dos Santos Ama-  
ral — 200\$00; EXTREMOZ: Augusto C. Barbosa — 200\$00; ALCANTARILHA — Carlos  
Perez — 20\$00; Joaquim R. Sequeira — 5\$00; António R. Machado — 5\$00; BARREIRO:  
Pedro Lopes dos Santos — 50\$00; CAMPO MAIOR: Marciano Alves — 500\$00. VILA  
NOVA DE CERVEIRA: António Pereira — 50\$00; Casimiro Pereira — 5\$00; Joaquim  
Mota — 5\$00; António J. Magalhães — 21\$50; Manuel Pereira — 10\$00; BERINGEL: Antó-  
nio da S. Ferro — 10\$00; Joaquim da Lança Carvalho — 2\$50; José Simões Bravo —  
2\$50; PORTO: Paulo da Gama Macedo — 100\$00; V. C. — 35\$00; COVILHÃ: Dr. Antó-  
nio da Cruz e Silva — 100\$00; BRINCHES: F. I. P. — 50\$00; AGUEDA: Constantino  
da S. Martins e esposa — 50\$00; CHAMUSCA: Joaquim Lopes — 10\$00; ESTOI: José  
Máximo de Sousa — 7\$50. OLIVEIRA DO HOSPITAL: Dr. José Campos P. do Amaral  
— 100\$00; PEDROGAM GRANDE: Alberto Mendes Branco — 100\$00; RIO DE JANEIRO:  
S. J. — 5.793\$00. **Soma 65.847\$00.**

## Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

*Março e Abril*

António Dias, Pôrto — 20\$00; F. C. G., Lisboa — 10\$00; José Zarco Júnior, Beja —  
10\$00; F. J. A., Castro Marim — 5\$00; Centro E. Mourense, Moura — 60\$00; sócio 537 —  
5\$00; J. B. Pinto de Sousa, Macau — 18\$00; M. F. Osório, Macau 12\$00; Agnelio A. A.  
Henriques, Ilha do Fogo (Cabo Verde) — 5\$00; M. A. dos Santos, Porto — 35\$00; Eurico  
Zuzarte, Borba — 30\$00; Alfredo Cardoso, Pombal 1\$00; Francisco Alves, Lisboa — 100\$00;  
Firmino da Assunção Teixeira, Póvoa do Varzim — 400\$00; José J. Dias de Araujo, Mato-  
sinhos — 10\$00; Armando Fernandes, Pôrto — 7\$50; José Bastos, Pôrto — 6\$00; Mateus  
José, Silves — 5\$00; D. Mariana A. Gonçalves, Alcanena — 10\$00; Luar Porto, Porto — 15\$00;  
D. Sousa Moreira, Vila do Conde — 5\$00; D. Rita de Sousa Pádua, Vila Real de Santo An-  
tónio — 5\$00; Oriente, Lisboa — 10\$00; Américo José Rodrigues, S. Paulo (Brasil) — 200\$00;  
Afonso V. Cardoso, Macau — 4\$00; António F. Tavares, Macau, — 22\$00; Joaquim Luiz,  
Macau, 22\$00; Henrique Jorge de Sousa Neves, Moçambique — 20\$00; J. V. C., Estoril  
— 200\$00.